

Relatos de Viagens

Representações e Codificações Linguísticas de Portugal no Século XIX

Organização e Introdução:

Emília Ribeiro Pedro

Luísa Azuaga

Vicky Hartnack

Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Relatos de Viagens

Representações e Codificações Linguísticas de Portugal no Século XIX

Título:

Representações e Codificações Linguísticas de Portugal no Século XIX

Organização:

Emília Ribeiro Pedro

Luísa Azuaga

Vicky Hartnack

Edição:

Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Paginação e Arte Final:

Inês Mateus – kimail@ip.pt

Capa de Inês Mateus

sobre pintura *Las edades de la vida* de Caspar David Friedrich, 1835

Depósito Legal:

190 580/03

Impressão e acabamento:

Textype - Artes Gráficas

Lisboa, 2002

Publicação apoiada pela

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Relatos de Viagens

**Representações e Codificações Linguísticas
de Portugal no Século XIX**

ORGANIZAÇÃO DE

Emília Ribeiro Pedro

Luísa Azuaga

Vicky Hartnack

Projecto da Linha de Investigação

Linguagem, Cultura e Sociedade:

Dimensões Internacionais Sincrónicas e Diacrónicas

CENTRO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Índice

Lista de Autores	7
-----------------------------------	---

Introdução

Emília Ribeiro Pedro, Luísa Azuaga, Vicky Hartnack	9
--	---

Textos

<i>A construção do real por meio da projecção de locuções dos outros</i>	
Carlos A. M. Gouveia	25
<i>Elementos para a análise da experiência dos viajantes: processos relacionais, atribuições e identificações</i>	
Emília Ribeiro Pedro e Luísa Azuaga	51
<i>A deixis de here e o seu contributo para a construção do 'eu' e do 'outro'</i>	
Marília de Oliveira Resende	85
<i>Experiential and logical information obtained from three functional units in the nominal group</i>	
Vicky Hartnack	115

Lista de Autores

Carlos A. M. Gouveia, investigador do Centro de Estudos Anglísticos e docente do Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é Professor Auxiliar. Doutorou-se em Linguística Aplicada e lecciona, ao nível da licenciatura, as cadeiras de Introdução aos Estudos Linguísticos e de Linguística Inglesa I e II, ao nível da pós-graduação, Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso e Gramática Sistémico-Funcional. As áreas de investigação e interesses especiais incluem ainda os Estudos Culturais e *Gay e Lesbian Studies*.

Emília Ribeiro Pedro é Professora Catedrática e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Estocolmo com uma tese na área da Sociolinguística. Exerce a sua actividade docente e de investigação no Centro de Estudos Anglísticos e no Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde é professora de Introdução aos Estudos Linguísticos e de Linguística Inglesa, cadeiras de licenciatura. Ao longo dos anos tem também leccionado cursos de pós-graduação em Análise do Discurso, Pragmática e Gramática Sistémico-Funcional. Entre os seus interesses e investigações recentes contam-se a Análise do Discurso, a Linguística Teórica, a Linguística Inglesa, a Sociolinguística, a Gramática Sistémico-Funcional e a Pragmática.

Luísa Azuaga, Professora Auxiliar e Doutora em Linguística Inglesa, é docente do Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos Anglísticos. Tem leccionado a disciplina de História da Língua Inglesa na licenciatura e, na pós-graduação, orientou seminários de História da Língua Inglesa na América e

História da Língua Inglesa Aplicada ao Ensino. No campo da investigação, os seus interesses incluem a Gramática Sistémico-Funcional e a Linguística Histórica, além de Linguística Inglesa e História da Língua Inglesa.

Marília de Oliveira Resende, Mestre em Linguística Inglesa e Assistente no Departamento de Estudos Anglísticos, encontra-se presentemente a elaborar a sua tese de doutoramento na área de Linguística Histórica. Além do trabalho de investigação no Centro de Estudos Anglísticos, lecciona, no Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a cadeira de História da Língua Inglesa. As suas áreas de interesse centram-se na Linguística Inglesa, na História da Língua Inglesa e na análise dos processos deícticos e adverbiais.

Vicky Hartnack, Leitora de Língua Inglesa no Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é Mestre em Cultura Inglesa. A par da sua actividade como formadora de futuros professores de língua inglesa no Ramo Educacional, lecciona uma cadeira de Inglês no curso de Estudos Africanos e faz investigação no Centro de Estudos Anglísticos. Entre os seus interesses contam-se a Linguística Aplicada e a Sociolinguística.

Introdução

O projecto e o *corpus*

Esta colectânea de artigos é o resultado de trabalhos desenvolvidos por alguns membros de uma equipa de nove elementos do Centro de Estudos Anglisticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da linha de investigação intitulada *Linguagem, Cultura e Sociedade: Dimensões Internacionais, Sincrónicas e Diacrónicas*.

Trata-se de uma área de investigação em que se estudam as relações constitutivas entre a linguagem, a sociedade e a cultura, dados estruturantes das coordenadas básicas referenciais do ser humano e da sua inserção numa comunidade concreta. Toda a investigação do grupo parte, portanto, da linguagem, enquanto objecto de conceptualização e análise.

O projecto de que estes textos são os primeiros resultados diz respeito a relatos de viagens. Na realidade, trata-se de obras que se apresentam como tema de análise de extremo interesse para verificação do modo como são articuladas e codificadas linguisticamente as dimensões sociais e culturais, pois, embora de um ponto de vista individual, é certo, expressam directamente visões que transcendem cada um dos produtores textuais e nos remetem para percepções mais vastas sobre aspectos diversos e polissémicos relativos à cultura e à sociedade de que dão testemunho.

A equipa é constituída por docentes/investigadores, incluindo uma professora catedrática, professores auxiliares, assistentes de linguística e leitores de língua estrangeira, trabalhando em bases inter-departamentais e inter-universitárias, dado pertencerem não só ao Departamento de Estudos Anglisticos, ao Ramo Educacional e ao Departamento de Português

como Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas também à Universidade do Algarve e ao Instituto Politécnico de Leiria.

Devido a alguns dos membros da equipa se encontrarem em fase final de elaboração das suas dissertações de doutoramento em Linguística e de outros se terem reunido ao grupo apenas recentemente, não tendo, consequentemente, havido tempo suficiente para delinear e trabalhar num projecto individual, apenas cinco e não a totalidade dos elementos da equipa apresentam os seus resultados de análise nesta publicação.

A língua de trabalho do grupo de investigação é o português; no entanto, como, para além de falantes nativos desta língua, há membros falantes nativos de finlandês e inglês, dois dos projectos individuais foram apresentados em inglês, língua que também é utilizada num dos artigos desta colectânea, embora a maioria dos textos se encontre em português. Tal facto não nos parece invalidar a harmonia do conjunto. Na realidade, ao manter-se ligado a uma natureza inter-linguística e intercultural, o projecto revela-se expressão da tolerância e do intercâmbio de opiniões e ideias criadas, quer pela própria essência do grupo de investigação, quer pela escolha dos sub-projectos que se constituíram.

Embora o projecto inclua no seu *corpus* textos em língua portuguesa e em língua inglesa, nesta primeira fase foi apenas considerado um conjunto de textos escritos em inglês e publicados em Inglaterra nas décadas de trinta e quarenta do século XIX.

O *corpus* de onde foram retirados os dados de análise dos artigos apresentados totaliza cerca de 350.000 palavras e é constituído por quatro obras, escritas por quatro viajantes por Portugal, todas elas naturalmente enquadráveis no género “Relatos de Viagens”. Desse *corpus* fazem parte, designadamente:

- *The Tourist in Portugal*, de W. H. Harrison, publicado em 1839, com um total de 76.004 palavras, e referido nos trabalhos apenas por *Tourist*;
- *Narrative of a Voyage to Madeira, Teneriffe, and along the Shores of the Mediterranean*, obra em dois volumes de William Robert Willis Wilde, publicada em 1840, da qual foram analisados os capítulos dois e três, os únicos dedicados a Portugal, num total de 22.410 palavras e que, nos artigos aqui apresentados, foi designada por *Narrative*;

- *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, dois volumes da autoria de William Henry Giles Kingston, publicados em 1845 e 1847, com um total de 93.880 e 98.410 respectivamente, referidos por *Sketches*, e
- *An Overland to Lisbon to the Close of 1846, with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal*, de Terence McMahon Hughes, publicado em 1847, com um total de 62.600 palavras, designado por *Overland*.

Portugal na primeira metade do século XIX

Os textos em análise encontram-se estreitamente ligados à fase histórica que Portugal atravessava à data em que as viagens neles descritas foram realizadas, uma época fundamentalmente caracterizada por um longo período de conflitos. No início do século, o país sofre, por três vezes, em 1807, em 1809 e em 1810, a invasão das tropas francesas. Na altura, a resistência portuguesa contou com o apoio militar inglês; tendo-se encarregado de organizar a defesa do país, afastado o perigo francês, os ingleses resolvem dominá-lo, pois a família real tinha-se refugiado no Brasil. Entretanto, a miséria e a destruição assolavam por todo o lado, ao mesmo tempo que as ideias liberais se iam espalhando e ganhando cada vez mais adeptos. Em Agosto de 1820 tem início um movimento revolucionário liberal, mas as manifestações contra-revolucionárias não se fazem esperar, acabando por Portugal se envolver numa guerra civil no ano de 1834.

Apesar de, a partir de 1834, se ter instaurado definitivamente o liberalismo no país, gerou-se ainda uma certa instabilidade política até 1851. Neste período, os problemas da sociedade portuguesa manifestam-se então abertamente e os governos sucedem-se sem resolverem as questões fundamentais. Algumas medidas chegam até a gerar revoltas populares, como a da Maria da Fonte e a da Patuleia (1846). Perante a gravidade da situação e a dificuldade em vencer os motins populares, foi chamada a intervenção estrangeira, tendo forças inglesas e espanholas obrigado à capitulação dos revoltosos no ano seguinte.

Portugal vivia, nesta primeira metade do século em que se situam os relatos de viagens investigados, para além de uma grande instabilidade política, uma profunda crise económica que reflectia, por consequência, os efeitos negativos das invasões francesas, do domínio inglês e da guerra civil. Considerando a evolução da conjuntura portuguesa neste período,

podemos afirmar que ela era de recessão. Os preços desciam e os contínuos períodos de lutas internas não permitiam o fomento das actividades produtivas. A produção agrícola era fraca e o tão desejado desenvolvimento industrial ainda não se tinha processado.

Em contrapartida, nos países industrializados europeus, nomeadamente em Inglaterra, ocorriam crises de super-produção, como a que se verificou em 1836. Tais circunstâncias tiveram repercussão no desprotegido mercado português: exportou-se para cá os excedentes, o que, necessariamente, fez baixar os preços. De facto, entre 1815 e 1840, a Inglaterra foi o centro abastecedor do mundo. Sendo o berço da Revolução Industrial, o seu avanço em relação aos outros países europeus tornara-a a maior potência económica, mais urbanizada e mais rica.

Os viajantes

As descrições de Portugal que os viajantes nos transmitiram deixam transparecer marcadamente tanto as suas experiências profissionais e concepções políticas, como a própria altura e duração da visita ao país, além do seu grau de conhecimento da herança cultural e da língua portuguesas.

Em termos de cultura de origem, diríamos que todos eles parecem ser oriundos de uma sociedade culta e elegante, de uma classe que tem posses e, à excepção de um, todos viveram sustentados pelos seus próprios rendimentos, provenientes de terras, propriedades ou negócios relacionados com o comércio. Os quatro mostram-se muito interessados em avaliar e apreciar, quer a estabilidade política de Portugal, quer a sua situação económica e o grau de industrialização, real ou potencial, aspectos que consideram factores reveladores do desenvolvimento atingido pela nação, não deixando de estabelecer comparações com o que se passa nesses campos na Inglaterra.

W. H. Harrison, o autor de *The Tourist in Portugal*, era um *gentleman* interessado na história de Portugal, em particular no que diz respeito à ascensão e queda das casas reais e aos feitos heróicos de reis e outras personalidades, nas lutas travadas contra mouros e castelhanos, para defender a independência de Portugal. As fontes consultadas para os numerosos mas breves episódios históricos que apresenta são tanto autores portugueses traduzidos (principalmente Alexandre Herculano, Emanuel de Faria y Sousa e Frei Luís de Sousa), britânicos, de que destaca

Murphy, Murry e Borrow, como franceses, alemães e italianos. Devido ao fascínio especial que revela sentir pela história militar, também manifesta um forte pendor pelos testemunhos que patenteiam a eficiência da actuação das tropas inglesas sob o comando de Wellington aquando da invasão francesa de Portugal sob as ordens de Junot. Seguiu o caminho das diversas batalhas estratégicas e, embora ele próprio não fosse um soldado, a sua visita a Portugal no ano de 1838, que durou vários meses, revela fortemente a influência das suas motivações. Escolheu começar a viagem dois anos depois do golpe Setembrista de 1836, que quebra com a coligação feita com os Cartistas e recusa a constituição liberal do 1822, de D. Pedro IV, coincidindo a sua visita exactamente com a rebelião em que as facções se encontravam em luta, umas apoiantes de D. Maria II, filha de D. Pedro e rainha de Portugal, e outras apoiantes de D. Miguel, o seu tio absolutista. Embora Harrison não tivesse permanecido o tempo suficiente para assistir ao final das disputas e à implantação de uma nova constituição, exactamente no ano de publicação do seu texto, provavelmente, do que se apercebeu, pode concluir que o governo experimentava dificuldades crescentes na prossecução dos seus objectivos políticos. Um pormenor curioso acerca deste autor é que não falava português, sendo forçado a confiar no que os outros lhe diziam ou nas traduções directas a que recorreu.

O autor de *Narrative of a Voyage*, William Robert Willis Wilde, era médico de bordo, tendo acompanhado o navio em que exercia a sua profissão na visita de algumas semanas a Lisboa e ao Funchal, no arquipélago da Madeira, em 1839, pouco tempo antes das lutas travadas entre Cartistas (maioritariamente no Porto e apoiados por D. Maria II) e os Setembristas (maioritariamente em Lisboa) e as eleições nacionais que levariam à escolha do Cartista Costa Cabral para Primeiro Ministro e que proporcionaram a Portugal alguma estabilidade, por meio da adopção de políticas firmes e severas. Wilde é bem um homem do seu tempo, um cientista interessado por todos os assuntos relacionados com a medicina, as condições sanitárias e a saúde. Na sua estada em Lisboa, entrou em contacto com a comunidade militar britânica aqui residente e, na Madeira, conviveu com a vasta comunidade inglesa de ex-patriotas. Como Harrison, também ele não falava português e o seu contacto directo com o povo era extremamente limitado.

William Henry Giles Kingston escreve *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil* após ter viajado por Portugal na companhia de um pequeno grupo de viajantes ingleses em 1843. Residiu em Portugal durante largos anos, o que lhe permitiu conhecer bem a gente e a língua, de modo que comunicava com os locais directamente em português. Era também capaz de se manifestar e expressar as suas ideias acerca dos assuntos correntes do país, de que possuía opinião informada. Considera-se, e manifesta-o expressamente, um *Tory* apoiante de uma aristocracia esclarecida; no entanto, dado encontrar-se integrado no mundo dos negócios, Kingston interessava-se pelo modo como Portugal se ia modernizando e abrindo ao desenvolvimento económico, sendo estes aspectos bem patentes nas suas observações e comentários.

Terence McMahon Hughes, o autor de *An Overland Journey in Lisbon at the Close of 1846*, é de nacionalidade irlandesa e realizou a sua visita, que durou alguns meses, quando Portugal se encontrava mergulhado numa feroz instabilidade que, aliás, em breve iria alastrar-se a praticamente todos os países europeus, embora em diferentes graus. Não obstante o facto de Costa Cabral ter conseguido realizar diversas reformas durante os seus cinco anos de ministério, no sentido da modernização do país (por exemplo, construindo estradas, atribuindo maquinaria à indústria da lã, encorajando o comércio e reduzindo a dívida nacional), por volta de 1846 o país encontrava-se em guerra civil devido às leis sobre reforma fiscal e enterros nas igrejas. A Revolta da Maria da Fonte foi usada como um pretexto para fazer cair o governo e ameaçar a rainha, se acaso se verificasse a continuação do seu apoio a Costa Cabral e aos Cartistas. Para além do seu fascínio pela situação política turbulenta do país e, não obstante a desaprovação que por ela manifestou, Hughes, como Harrison, interessava-se pela derrota dos franceses às mãos de Wellington, que ocorrera trinta anos antes, traçando as linhas de defesa anglo-portuguesas de Elvas a Lisboa.

Interessados, como todos eles se confessavam, na história de Portugal, tanto a recente, como a mais remota, estes autores apresentam-se como verdadeiros homens do seu tempo, viajantes que narravam as suas experiências da visita a Portugal com o objectivo de, por um lado, entreter e distrair, mas, por outro, informar os seus leitores, sobre o país que contemplaram e em que viveram, numa década tão crucial.

O quadro teórico-metodológico

Os artigos deste volume enquadram-se, na sua maioria, no âmbito da gramática sistêmico-funcional.

Se pensarmos que os dois modelos fundamentais da linguística contemporânea são o formalista e o funcionalista – correndo, embora, o risco de algum reducionismo – certamente que a gramática sistêmico-funcional se insere no segundo destes dois modelos. E é funcional (cf. Halliday 1994) em três sentidos distintos, intimamente relacionados: na sua interpretação dos textos, na sua interpretação do sistema linguístico e na sua interpretação dos elementos das estruturas linguísticas. É funcional, também, no sentido em que pretende dar conta de como a linguagem é usada. Não se trata, portanto, no modelo de teoria de gramática sistêmico-funcional, de descrever as estruturas que falantes ideais idealmente usam de acordo com regras, como é o caso nos modelos formais de descrição linguística, mas de descrever aquilo que os falantes, de facto, fazem quando usam o sistema, isto é, quando produzem textos, falados ou escritos. Como diz Halliday (1994:XIII):

Every text – that is, everything that is said or written – unfolds in some context of use; furthermore, it is the uses of language that, over tens of thousands of generations, have shaped the system. Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs – it is not arbitrary. A functional grammar is essentially a ‘natural’ grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used.

Continuando com Halliday (1994), cada elemento numa gramática funcional é explicado com referência à sua função no sistema linguístico como um todo. E neste sentido, uma gramática funcional constrói todas as unidades de uma língua como configurações orgânicas de funções (ibidem: XIV): ou seja, cada parte é interpretada como funcional relativamente ao todo.

Por outro lado trata-se de uma gramática ou de uma teoria sistêmica. E sobre este aspecto, Halliday (ibidem:XIV) diz-nos o seguinte:

Systemic theory is a theory of meaning as choice, by which a language, or any other semiotic system, is interpreted as

networks of interlocking options: 'either this, or that, or the other', 'either more like the one or more like the other', and so on.

A gramática sistémico-funcional entende os usos linguísticos, no adulto, como expressão de três macro ou meta-funções: a função ideacional, a função interpessoal e a função textual. A função ideacional expressa todas as nossas concepções do mundo em que vivemos, o modo como conceptualizamos esse mundo, quer exterior, quer interior, em termos experienciais e em termos lógicos. A função interpessoal diz respeito às relações com os outros, o modo como regulamos o nosso próprio comportamento e o comportamento dos outros, o modo como agimos em termos interaccionais. A função textual remete-nos para o modo como organizamos os nossos textos, falados e/ou escritos, e os tornamos coerentes e coesos. É evidente que, só de um ponto de vista analítico, podemos separar e analisar estas três macro-funções, já que elas estão presentes em cada texto, oral ou escrito, que produzimos.

Um outro aspecto de extrema importância, neste modelo funcional, é a impossibilidade de pensar o texto fora do seu contexto de uso. E aqui, necessário se torna falar de dois tipos de contexto que são tidos em consideração: o contexto de cultura e o contexto de situação. Relativamente ao contexto de cultura, o que deve ser salientado é que os nossos textos se enquadram em géneros que a nossa cultura particular reconhece como tal e que, enquanto sujeitos falantes cultural, social e linguisticamente situados, nós também reconhecemos como tal: sabemos distinguir uma carta formal de candidatura a um emprego de uma carta para um amigo, sabemos reconhecer uma anedota, um poema, um relato de viagens, um ensaio, uma conversa entre amigos. Assim, a nossa inserção numa cultura específica permite-nos reconhecer os géneros que são possíveis e legitimados nessa cultura, distingui-los daqueles que o não são e, simultaneamente, reconhecer os fraseados (wordings) que lhes estão associados.

Por outro lado, temos o contexto de situação que nos leva, necessariamente, na gramática sistémico-funcional, à noção de registo ou variedade de acordo com o uso. Na noção de registo, encontramos três variáveis, directamente relacionadas com as três macro-funções de que falámos antes: a noção de campo — aquilo de que se fala, o tópico — directamente relacionada com a função ideacional; a noção de relações

—os participantes na situação de comunicação, activados no e pelo texto — que se liga de uma forma clara à meta-função interpessoal; e a noção de modo — a especificidade retórica do texto — que nos remete para a meta-função textual. Texto e contexto — de cultura ou de situação — estão, portanto, intimamente relacionados no modelo teórico funcional.

Mas as três meta-funções não têm apenas relação com as características contextuais, têm também expressão no sistema concreto léxico-gramatical que utilizamos na produção dos nossos textos, no sentido em que cada macro-função tem expressão explícita num sistema concreto ao nível da gramática. Isto porque, como diz Halliday (ibidem:XX):

The fact that it is a 'functional' grammar means that it is based on meaning; but the fact that it is a 'grammar' means that it is an interpretation of linguistic forms. Every distinction that is recognized in the grammar — every set of options, or 'system' in systemic terms — makes some contribution to the form of the wording.

Assim, a meta-função ideacional tem expressão no sistema de transitividade, a meta-função interpessoal no sistema de modo e de modalidade e a meta-função textual no sistema de tema/rema.

O sistema de transitividade é basicamente um recurso gramatical para construir acções e actividades, representadas como configurações de processos, participantes envolvidos nesses processos e circunstâncias que informam esses processos. Como é evidente, existem múltiplos tipos de acções e actividades, como existem múltiplas formas de os representar linguisticamente. A gramática sistémico-funcional considera, entretanto, que as gramáticas das línguas organizam esses modos de representação de acções e actividades num número reduzido de processos que são basicamente os seguintes: processos materiais, que são processos de fazer; processos mentais que são processos de sentir, pensar, ver, processos, portanto, que reflectem actividades no mundo da mente; processos relacionais, que expressam a noção de estar/ser; processos verbais que são processos de dizer e comunicar e que incluem verbos de enunciação mas também processos semióticos não necessariamente verbais; processos comportamentais que estão relacionados com proces-

sos fisiológicos humanos e processos existenciais que envolvem apenas um participante num processo de existir.

Quanto ao sistema de modo, que realiza linguisticamente a metafunção interpessoal, o que podemos dizer é que a oração – unidade fundamental de análise gramatical neste modelo teórico, porque nela se exprime o significado – está também organizada como um evento interactivo entre o falante e o seu interlocutor. Quando falamos, adoptamos um papel discursivo particular e consequentemente atribuímos ao nosso interlocutor determinado papel complementar que esperamos que ele preencha. E o significado interpessoal entre o falante e o seu interlocutor é expresso por escolhas a partir de diferentes áreas da linguagem, como a modalidade, a entoação ou os itens lexicais. Dar e pedir são os dois tipos discursivos que categorizam os tipos mais particulares que podemos reconhecer. Por outro lado, podemos dar ou pedir uma de duas coisas: informação – caso em que a oração toma a forma de uma proposição; ou bens e serviços – caso em que a oração toma a forma de uma proposta.

No que respeita a meta-função textual, esta tem a sua realização léxico-gramatical no sistema da tematização. Podemos dizer que, de uma forma geral, o tema pode ser identificado como o elemento que surge em primeiro lugar na mensagem. O tema é um elemento numa configuração estrutural particular que, tomado como um todo, organiza a oração como mensagem, isto é, como configuração de tema + rema. Dito de outro modo, uma mensagem consiste num tema combinado com um rema. O tema é o ponto de partida para a mensagem, é aquilo sobre o que a mensagem vai ser e, portanto, parte do significado de qualquer oração está na escolha do elemento que funciona como tema.

Não cabe, julgamos, no espaço desta introdução mais do que sintetizar o que são as ideias básicas e fundadoras da gramática sistémico-funcional e que se reflectem depois, de modo parcial, como é evidente, mas também mais particularizado, em cada um dos temas tratados na individualidade de cada um dos artigos que dão corpo a esta publicação. O que julgamos fundamental registar é o modo como a gramática funcional é uma gramática semântica em que os níveis discursivo-semântico e léxico-gramatical estão intimamente relacionados, quer em termos das relações contextuais/textuais, quer em termos do modo como os textos se

organizam do ponto de vista lexical e gramatical em fraseados onde as escolhas que fazemos são significativamente produtivas para os objectivos consagrados no que queremos fazer ou dizer.

Resta acrescentar que, pela sua natureza e particularidade, o modelo teórico em que se enquadra a maioria dos artigos desta colectânea assenta na função social da linguagem e dos seus usos e, nesse sentido, se distingue, de modo claro e radical, de modelos formais, lógico-mentalistas, onde o sistema é descrito sem consideração pelos seus verdadeiros utentes e pelas condições concretas do uso linguístico em contextos culturais e situacionais específicos e particulares que dão significado aos textos que produzimos. É esta articulação feliz entre o social, o contextual e o linguístico que torna a gramática sistémico-funcional um modelo produtivo do ponto de vista da compreensão das pessoas reais, dos seus actos, dos seus textos e dos seus processos significativos numa rede de escolhas hierarquizadas, paradigmáticas, onde as escolhas mesmo quando inconscientes são sempre significativas.

Os artigos

Encarando os relatos de viagem em análise de perspectivas parciais, que se vão complementando, os artigos incluídos nesta colectânea procuram, no seu todo, lançar um olhar global, a partir de uma análise linguística particular, sobre as representações sociais e culturais dos viajantes relativamente ao país visitado.

Dois dos trabalhos consideram o sistema da transitividade, enquadrado pela metafunção ideacional, definindo processos verbais e processos relacionais. Os primeiros são caracterizados por Carlos A. M. Gouveia que se propõe, com a análise do verbo *tell*, saber como o viajante enuncia o que outrem disse e de que modo se posiciona nos processos verbais em termos de transitividade, relativamente ao participante cuja voz reproduz. Os segundos são tratados por Emília Ribeiro Pedro e Luísa Azuaga que estudam em concreto o verbo *be*, na sua forma *are* e procuram investigar as caracterizações e avaliações do ser / estar, feitas pelos viajantes, em relação a quem encontram e ao que encontram em Portugal, e ao modo como ajuízam, de forma negativa, positiva ou neutra, a realidade com que se deparam.

Marília Resende procura estudar as funcionalidades do deíctico *here* no âmbito das relações texto/contexto e examinar as suas implicações face à representação social e cognitiva da realidade, ideologicamente motivada pelo posicionamento do 'eu' e do 'outro'.

Vicky Hartnack analisa os padrões de representação ao nível das orações, onde são construídas figurações mentais da realidade, de modo a fazer sentido do que acontece à nossa volta e compreender o que se passa no interior de cada um de nós. Os padrões são aqui os grupos nominais *Portugal*, *Portuguese* e *they*, analisados numa perspectiva sistémico-funcional.

Em *A construção do real por meio da projecção de locuções de outros*, os viajantes revelam-se como pessoas que pouco ouviram que fosse digno de registo; na construção da narrativa, o que se verifica é que, enquanto receptores, não deram particular importância ao que lhes foi dito no decurso das suas viagens por Portugal, ou, pelo menos, não o reproduziram sob a forma de locuções em processos verbais de projecção de que eram os receptores. Tratava-se, como este estudo no-lo confirma, pelo uso esparso dos processos verbais registados, de indivíduos pouco motivados para o relato de experiências e vivências de outros, tendo provavelmente pouco interagido com os portugueses. O viajante em *Tourist*, por exemplo, cita fontes materiais, livros, e, quando relata locuções proferidas por pessoas, na generalidade não são realizadas por autóctones, mas sim por estrangeiros, onde o que se sublinha são aspectos pouco abonatórios dos portugueses. A excepção a estes posicionamentos, quanto ao que dos portugueses é apresentado, é o autor de *Sketches*, em que a construção do real se aproxima mais do relato factual, histórico, de múltiplas fontes, na medida em que este autor recorre com mais frequência à reprodução de enunciados que lhe foram dirigidos.

No segundo artigo, *Elementos para a análise da experiência dos viajantes: processos relacionais, atribuições e identificações*, verifica-se, pelos resultados de análise apresentados, que a visão de Portugal, das suas gentes, costumes e instituições, construída nos relatos por meio de processos relacionais, é aparentemente positiva. De facto, os processos relacionais de avaliação positiva são os predominantes; a visão global de atribuições e identificações transmitida por todos os autores e por cada um, em particular, parece ser favorável a Portugal. Todavia, na realidade,

os aspectos sobre os quais incidem as avaliações negativas são de tal importância, em especial os que concernem a caracterização das qualidades das pessoas que habitam o país visitado, que acabam por fazer esquecer os comentários positivos a certas faixas da população, por exemplo. A imagem que a construção transitiva relacional feita pelos viajantes transmite é a de um país atrasado, inculto, degradado, longe dos padrões que caracterizam a nação dos escritores.

Quanto aos temas preferenciais escolhidos para os processos relacionais, os viajantes dividem-se por dois grupos; assim, enquanto os autores de *Sketches* e *Narrative* foram particularmente motivados por aspectos culturais e institucionais de Portugal, os autores de *Overland* e *Tourist* apresentam como tema preferencial os vários tipos de pessoas, na totalidade dos processos usados e no que diz respeito aos processos relacionais atributivos. Na sua permanência em Portugal, os viajantes não se mostraram muito sensíveis à natureza que os rodeava, às paisagens e aos animais, pelo menos enquanto possíveis temas dos processos analisados.

Dois autores se evidenciam: um, o autor de *Sketches* que, também neste estudo, surge como uma personalidade um pouco diferente dos restantes, preocupando-se, por exemplo, na sua codificação relacional da realidade analisada, em corrigir visões, a seu ver distorcidas, que outros teriam transmitido; o outro, o autor de *Tourist*, porque, para além de ser o que menos escolhe processos relacionais para codificar a sociedade portuguesa, do ponto de vista da transitividade, é o que mais apresenta avaliações negativas na sua relação com as avaliações positivas que realiza.

Em *A deixis de here e o seu contributo para a construção do 'eu' e do 'outro'*, considerando-se a importância da dimensão espacial nos relatos de viagens, estuda-se a relevância do deíctico *here* nos textos analisados, não apenas no âmbito da deixis espacial, mas também da social e discursiva e da textual e fictiva. O facto de *here* constituir uma referência egocêntrica e, por isso, necessariamente subjectiva, implica que este deíctico determine, para além do espaço físico do 'eu' e do 'outro', o espaço social de ambos, funcionando como indicador de identidade social e remetendo para significados sócio-culturais, para relações de poder e solidariedade.

Embora multifuncional, a triagem das frequências de ocorrência e dos usos de *here* mostra que o seu valor nos textos é fundamentalmente indexical de referência espacial.

O maior número de ocorrências verificado em *Sketches* é justificável pela dimensão do texto; esta proporcionalidade, porém, não se verifica em relação a *Tourist* e a *Overland*. O primeiro autor é o que menos utiliza o deíctico em estudo, não deixando, embora, de ser o que mais critica Portugal, sobretudo pela sua imaturidade política, contrastando o espaço em que se encontra com o seu país de origem. O segundo utiliza acentuadamente o deíctico, o que vem corroborar a excessiva preocupação do autor em descrever, com precisão, a realidade portuguesa da época.

Here reporta-se, em geral, a espaços geográficos relativamente pequenos: Portugal, as cidades, as vilas, as aldeias, os monumentos, as casas que o 'eu' procura descrever; no entanto, também remete, frequentemente, para um *there* que, embora ausente, está emocionalmente muito mais próximo do sujeito enunciador e que representa a sua vivência cultural. Neste caso, o contraste incide entre Portugal e os portugueses, espaço-temporalmente presentes e simbolicamente representados por *here*, e a Inglaterra e os ingleses, espaço-temporalmente ausentes, sendo esse *there* ausente, esplendoroso e mítico, o ponto de partida e o fiel da balança do contraste em que tudo acentua a superioridade britânica.

No último artigo desta colectânea, *Experiential and logical information obtained from three functional units in the nominal group*, a análise dos grupos nominais que contêm as palavras *Portugal*, *Portuguese* e *they* revela que os autores estudados favoreceram, neste caso, certas relações anafóricas no interior do grupo. Enquanto *Portuguese* e *they* ocorrem na maior parte das vezes como Cabeça ou Coisa, na terminologia sistémico-funcional, o termo *Portugal* ocorre maioritariamente em grupos nominais que, ou são complemento, ou parte de um adjunto circunstancial.

Este uso predominante de *Portugal*, precedido de preposições como *of* e *in*, demonstra que a sua função básica era a de localizar a acção, ficando assim por realizar, deste modo, a dimensão existencial do país. Por outro lado, o uso dos outros dois termos revela que a ênfase nestas descrições foi colocada nos habitantes, seus actos e seus costumes e não tanto no país em si: o que parece ter sido importante para estes viajantes

foi o que os portugueses, eles mesmos, tinham feito e faziam com o seu próprio país.

Saliente-se também o papel que as orações relativas desempenham como contexto de ocorrência destas unidades em estudo, justificando-se tal frequência com base no estilo dos escritores vitorianos que favoreciam frases longas e elaboradas, de modo a fornecer um firme apoio aos seus argumentos e pontos de vista.

A concluir, podemos dizer que em todos os artigos perpassa uma representação e uma codificação linguística de Portugal condicionada pelo olhar preconceituoso destes viajantes ingleses que reflecte o progresso e a dinâmica cultural em vigor no seu país. Portugal é subjectivamente escrutinado com base nos valores destes escritores que claramente consideram a sua própria cultura e o seu grau civilizacional superiores, aparecendo o país visitado como um espaço habitado por gentes que muito terão que percorrer para escapar à barbárie, onde quase se precipitam, e atingir o sonhado escalão de uma nação moderna. Estes relatos de viagens caracterizam bem a forma como os ingleses viam o mundo à sua volta nesta altura e particularmente a forma como exerciam a auto e hetero-avaliação da cultura do 'eu' face ao 'outro', assumindo-se como os portadores de uma cultura excelente, relativamente ao autócotone português, e legitimada por uma tradição imperialista.

Emília Ribeiro Pedro

Luísa Azuaga

Vicky Hartnack

**A Construção do Real em Relatos de Viagens
por meio da Projecção de Locuções de Outros**

CARLOS A. M. GOUVEIA

A Construção do Real em Relatos de Viagens por meio da Projectão de Locuções de Outros

ABSTRACT: Amongst other things, the travellers who wrote these travelogues quote and report what others said. The purpose of this paper is to analyse the way the traveller positions himself in relation to the Sayers whose quotes and reports he reproduces. The main objectives are to find out whether the traveller positions himself as a receiver of quotes, of reports or of verbiages and whether the sayer is identified or not in transitivity realisations of verbal processes. The analysis will show that the travellers behave differently in that respect and that this difference is related to the particular way each traveller interacts with Portugal and the Portuguese.

Objectivos

Inserido num projecto pessoal de trabalho mais vasto, que visa a análise de aspectos da expressão da individualidade e da nacionalidade em relatos de viagens produzidos por viajantes ingleses em Portugal nas décadas de 30 e 40 do século XIX, este texto tem como objectivo responder a uma pergunta fundamental, concorrente para os resultados práticos de tal projecto, no quadro de uma abordagem sistémico-funcional do fenómeno linguístico (*vd.*, por exemplo, Halliday, 1994; Matthiessen, 1995; Thompson, 1996; Martin, Matthiessen & Painter, 1997). Independentemente das implicações decorrentes da pergunta que motiva a análise, traduzíveis elas próprias em novas interrogações, o que procurarei saber é como o viajante, que é quem nestes relatos enuncia o que

outrem disse, se posiciona nos processos verbais, em termos da transitividade, relativamente ao participante cuja voz reproduz.

Assim, e restringindo os dados aos casos em que o viajante se coloca como Receptor de processos verbais, importa, portanto, saber se este se coloca como Receptor de Citações, Relatos ou Verbiagens e se em tais processos o Dizente é elidido ou se, pelo contrário, o viajante é Receptor em processos em que aquele está presente. Além disso, como segunda pergunta de investigação possível, será pertinente verificar se a presença ou ausência de um Dizente, facultadas, respectivamente, pelas formas activas e formas passivas das orações, determinam diferentes tipos de Citações, Relatos e Verbiagens. Trata-se, portanto, de indagar da presença ou não de um padrão nas ocorrências dos processos verbais, com as implicações daí decorrentes ao nível dos significados interpessoais.

Com efeito, a escolha, para análise, de locuções em que o viajante é construído como Receptor das mesmas, em detrimento de todos os outros tipos de locuções, permitirá, previsivelmente, verificar a importância ou não deste tipo de processo na construção discursiva e social da realidade portuguesa por parte dos viajantes e, eventualmente, estabelecer diferenças entre eles no modo como se relacionam com o país em que viajam, em termos de maior ou menor interacção com as pessoas e os contextos.

Da especificidade da pergunta de análise decorrem, porém, alguns constrangimentos, nomeadamente o facto de trabalhar em exclusivo com verbos que, pelas suas características, em termos de restrições de selecção, possibilitam tanto a presença de um Receptor da verbalização como a sua ausência, decorrendo uma ou outra possibilidade das escolhas operadas pelo enunciador. Pelo facto de ser o mais neutro dos verbos de projecção com tais características, o verbo *tell* tem um papel preponderante no grupo considerado, o que faz dele, como seria de esperar, o mais representado no *corpus*.

A progressão do trabalho far-se-á ao longo de quatro etapas, formalmente estruturadas sob a forma de secções. Assim, depois desta breve enunciação de objectivos, apresentarei, na Secção 1, os pressupostos teóricos que motivam a análise, por meio, sobretudo, de uma caracterização dos processos verbais, no quadro do sistema da transitividade da Gramática Sistémico-funcional, tal como este foi descrito na introdução ao presente volume. Na Secção 2, darei início à apresentação da análise

com, em primeiro lugar, a consideração de aspectos gerais sobre a presença de processos verbais no *corpus*, e, em segundo, com a apresentação dos resultados da análise dos processos verbais com *tell*, de longe o verbo mais presente nos ditos processos. A análise continuará, na Secção 3, com a apresentação dos resultados relativos aos restantes processos verbais, desta feita com processos em que os verbos utilizados denotam objectivos ilocutórios e forças ilocutórias particulares, isto é, processos em que os verbos são menos neutros do que *tell*. Por fim, na última Secção, a 4, procurarei desenvolver algumas conclusões sobre a análise apresentada.

Pressupostos

Segundo Halliday (1994:140), no sistema da transitividade, isto é, na representação linguística do real, os processos verbais são processos de dizer, entendendo dizer numa acepção lata que abarca qualquer tipo de troca simbólica de sentido. Deste modo, os processos verbais tanto cobrem enunciados do tipo de «*Now tell me what you propose to do [...]*» (*Tourist*), como de «*The green bananas, with their beautiful feathery tops, tell him he has bid farewell to Europe*» (*Narrative*)¹. Neste tipo de processos, o participante principal, isto é, aquele que comunica, é o Dizente, e é tipicamente humano, embora esse mesmo papel possa ser desempenhado por uma entidade simbólica, metaforicamente construída ou personificada, como no segundo exemplo enunciado.

Por sua vez, o que é comunicado pode assumir duas formas: por um lado, pode ser construído como um participante do processo, a chamada Verbiagem, como “*what you propose to do*” em «*Now tell me what you propose to do [...]*»; por outro, pode constituir-se em oração separada, que não é parte integrante do processo verbal, mas apenas por ele projectada no interior de um complexo oracional de projecção, como em «*She told us that she and her husband were farming people*» (*Sketches*). Nos casos em que temos uma Verbiagem, ela tanto pode ser uma etiqueta, um nome para o que é dito, como a descrição do conteúdo daquilo que é dito. Nos outros casos, a oração que é projectada tanto pode ter forma directa

¹ Todos os exemplos que nesta exposição teórica se encontram em itálico entre aspas (« ») foram retirados do *corpus* em análise. Os restantes foram por mim inventados ou retirados da bibliografia de apoio.

como indirecta, consoante estejamos perante um complexo oracional formado por Parataxe ou por Hipotaxe, respectivamente. Se a oração projectada se encontra ligada ao processo verbal por Parataxe, isto é, se assume uma forma directa, ela constitui uma Citação, se se encontra ligada por Hipotaxe, se assume uma forma indirecta, como no exemplo citado acima — «*She told us that she and her husband were farming people*» —, ela constitui um Relato.

O que é determinante nas orações projectadas, e por demais relevante para o presente trabalho, é o facto de elas representarem não o espírito ou a letra da locução do enunciador do complexo oracional, mas do enunciador nelas representado, como afirmam Martin, Matthiessen & Painter (1997:172): «Projected clauses — i.e. quotes or reports — represent the wording or meaning of the speaker represented in the projecting clause, not the speaker of the clause complex. They are thus meta-representations, or metaphenomena.»

A particularidade dos processos verbais poderem ser parte integrante e fundamental de uma projecção não é deles exclusiva, já que os processos mentais partilham com eles tal característica: «Projection typically concerns the relation between a mental or verbal clause and the content which it quotes or reports. A paratactic relation holds when one clause quotes another ('direct speech/thought'), and a hypotactic relation when one clause reports another ('indirect speech/thought').» (Martin, Matthiessen & Painter, *ibidem*).

Note-se que os processos comportamentais, como afirmam os mesmos Martin, Matthiessen & Painter (*idem*:126), também podem projectar, mas apenas por Citação, como no exemplo que dão: "*I enjoyed it thoroughly*", *he lied*². Um verdadeiro processo verbal pode, no entanto, projectar discurso directo e indirecto, isto é, Citações e Relatos, em todos os contextos, sendo essa uma das suas características fundamentais. O mesmo é válido para os processos mentais, podemos acrescentar,

² Ao contrário dos autores, não considero o exemplo dado um caso de processo comportamental. Efectivamente, penso estarmos perante um exemplo de um processo verbal, só que o verbo usado tem normalmente valor comportamental. Neste caso concreto, o processo é equivalente a "*I enjoyed it thoroughly*", *he said lying*. A utilização do verbo *lie* neste processo verbal é um exemplo de utilização daquilo que designo por verbos de projecção subjectivamente marcados.

embora obviamente sejam mais vulgares as projecções de Relatos, pois o que, nestes casos, é matéria da projecção é uma ideia e não um dizer, sendo, como tal, dificilmente citável.

Em alguns processos verbais podem também participar um Receptor e um Alvo. O Receptor representa o destinatário de uma troca verbal, funcionando assim como um Beneficiário verbal; muitas vezes é marcado com a preposição *to*, como em *They said to me to leave at once*. O Alvo é a entidade a quem é dirigido o processo verbal (não o seu destinatário). O Alvo distingue-se do Receptor não só porque ambos podem estar presentes no mesmo processo, como em *She keeps praising me to her family*, mas também porque não necessita de ser humano, como em *The book criticizes post-structuralist ideas*.

Processos verbais com verbos de projecção básicos ou neutros

Desta breve apresentação teórica terá de alguma forma ficado claro que a análise que me proponho efectuar deverá ter em consideração as ocorrências de verbos que podemos designar como básicos ou neutros na sua função de projecção de outras vozes, como *say*, *tell* e *inform*, por exemplo, mas também de verbos que, para além de desempenharem a função dos verbos mais neutros, indiciam ainda objectivos ilocutórios e forças ilocutórias particulares, como *complain*, *beg*, *shout*, etc.. Todavia, convém ter presente, por um lado, que nem todos os verbos de cada um destes dois grandes grupos ocorrem no *corpus*, e, por outro, que nem todos esses mesmos verbos permitem construções de processos verbais que integrem como Receptor da projecção ou da Verbiagem o enunciador do processo. Quer isto dizer, por exemplo, que para a análise não foram consideradas ocorrências do verbo *say*, pois nenhuma delas (em mais de duas centenas e meia) serve processos verbais em que o viajante, ou enunciador do processo, assuma o papel de Receptor, ou em que, diríamos mesmo, haja sequer um Receptor expresso.

Mas se tal acontece com *say*, o mesmo não se verifica com *tell*, presente no *corpus* em cento e quarenta (140) processos. Desse total, mais de metade, 72,14% (cento e uma ocorrências) correspondem às chamadas formas simples do verbo, o presente simples e o passado simples. As restantes ocorrências dizem respeito a formas compostas e apresentam uma variabilidade acentuada, se bem que o participio presente

seja, entre elas, a que mais ocorre, com treze entradas, correspondentes a 9,28% do total. Tendo em consideração os objectivos desta análise, registre-se que as formas passivas correspondem a 25% das ocorrências e as formas activas a 75%.

Porém, pelas razões já apontadas para *say*, que se prendem com os objectivos enunciados, parte destas ocorrências de processos verbais com *tell* não serão consideradas neste trabalho. Efectivamente, acima de metade das ocorrências contabilizadas (mais concretamente 55,71%) não correspondem a processos verbais em que o viajante se coloca como Receptor, os únicos que interessa considerar, pelo que serão excluídas dos dados da análise. Quer isto dizer que para a análise não serão considerados exemplos como «*I told him, "not one," at which he seemed surprised.*» (*Sketches*), «*Raymond then told him that he was a fool for serving a clerk [...]*» (*Narrative*), mas apenas exemplos como «*When I reached the door, I was told the inn was a little further on (...)*» (*Overland*) ou «*She told us the stream never failed (...)*» (*Overland*).

A comparação entre a totalidade das ocorrências de *tell* nas suas diferentes formas verbais, a totalidade das ocorrências que interessam para análise e o total de palavras do *corpus*, nas sua relação com os valores parcelares para cada um dos textos constituintes do *corpus*, apresenta, porém, deste já, alguns dados importantes, sobre os quais convém reflectir. Por isso mesmo, nos Quadros 1, 2 e 3, apresento esses valores, para depois os analisar.

Os totais das ocorrências do verbo nos diferentes relatos de viagem que constituem o *corpus* são os que apresento no Quadro 1. Do ponto de vista dos dados que são efectivamente pertinentes para este trabalho, isto é, do ponto de vista dos processos verbais em que quem enuncia se coloca como Receptor, os dados estão apresentados, nesse quadro, nas linhas e coluna a cinzento, identificados na respectiva coluna pela designação “*Tell c/ V=R*”, em que V e R são, respectivamente, as abreviaturas para Viajante (quem diz o que outrem disse, o autor, o enunciador)³ e Receptor, este último do ponto de vista dos papéis da

³ O enunciador (quem diz o que outro disse) é obviamente o autor do relato de viagem, o viajante. A sua representação linguística nos processos verbais em que participa pode, todavia, não ser apenas efectuada pelos pronomes *I* e *me*, mas também pelos pronomes *we* e *us*, dependendo obviamente do contexto, dos participantes narrativos que estão a ser representados e da acção que está a ser narrada.

transitividade. Ainda no Quadro 1, para cada texto, e na coluna a anteceder os dados relativos ao verbo *tell*, apresento ainda o total de palavras que o constitui, e respectiva percentagem, por forma a se perceber a sua extensão no interior do *corpus*.

	Palavras		<i>Tell</i>		<i>Tell</i> c/ V=R	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Sketches</i>	194.267	54,56	86	61,42	53	85,49
<i>Tourist</i>	76.193	21,40	19	13,57	4	06,45
<i>Overland</i>	63.602	17,86	20	14,28	4	06,45
<i>Narrative</i>	21.957	06,16	15	10,71	1	01,61
<i>Corpus</i>	356.019	100,00	140	100,00	62	100,00

Quadro 1: Totais de palavras em cada um dos textos e no total do *corpus* e totais dos diferentes tipos de ocorrência do verbo *tell*.

São estes mesmos dados que apresento também no Quadro 2, embora nesse caso sejam já consideradas as formas activa e passiva de ocorrência do verbo, deixando a totalidade de palavras nos textos e nos *corpus* de ser o universo de comparação. O que interessa registar é a relação, nos diferentes textos, entre a totalidade das ocorrências de *tell* e a de apenas *tell* c/ V=R, nas suas formas activa e passiva. Ou seja, para cada texto são dados os valores das ocorrências em questão, sendo as percentagens pensadas relativamente ao total de activas e passivas em cada texto e no *corpus*, a partir de uma leitura horizontal da soma das percentagens em cada uma das duas colunas mais largas.

	Total de Tell				Apenas Tell c/ V=R			
	Activas		Passivas		Activas		Passivas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Sketches</i>	61	70,93	25	29,06	38	71,69	15	28,30
<i>Tourist</i>	12	63,15	7	36,84	0	00,00	4	100,00
<i>Overland</i>	18	90,00	2	10,00	3	75,00	1	25,00
<i>Narrative</i>	14	93,33	1	06,66	1	100,00	0	00,00
<i>Corpus</i>	105	75,00	35	25,00	42	67,74	20	32,25

Quadro 2: Totais de ocorrência de formas activas e passivas do verbo *tell*, com percentagens referentes à incidência de uma relativamente à outra em cada um dos textos e no *corpus*.

No caso do Quadro 3, passo definitivamente a considerar apenas os casos de *tell c/ V=R*, apresentados nos quadros anteriores nas colunas a cinzento. Neste caso, trata-se de registar os valores de ocorrência das formas activa e passiva de *tell c/ V=R* em cada um dos textos, agora apresentados na relação que percentualmente estabelecem entre si face à totalidade da ocorrência no *corpus* de cada uma das formas, a partir de uma leitura vertical da soma das percentagens.

	<i>Tell c/ V=R</i>					
	Activas e passivas		Só activas		Só passivas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Sketches</i>	53	85,49	38	90,47	15	75,00
<i>Tourist</i>	4	06,45	0	00,00	4	20,00
<i>Overland</i>	4	06,45	3	07,14	1	05,00
<i>Narrative</i>	1	01,61	1	02,38	0	00,00
<i>Corpus</i>	62	100,00	42	100,00	20	100,00

Quadro 3: Totais de ocorrência de formas activas e passivas do verbo *tell c/ V=R*, com percentagens referentes à sua incidência no *corpus*.

O que imediatamente sobressai dos dados apresentados no Quadro 1 é o facto de o texto de maior extensão, *Sketches*, que por si só garante 54,56% das palavras do *corpus*, ser também o texto com maior índice de ocorrência das diferentes formas verbais de *tell* (86 ocorrências em 140, o que corresponde a 61,42%). Mas mais curioso ainda é o facto de, ao restringirmos a análise apenas às ocorrências de processos verbais com *V=R*, ser também este o texto que apresenta o valor mais alto de ocorrências, com 85,49% do total, um valor, em termos percentuais, muito superior ao das ocorrências da totalidade das diferentes formas verbais de *tell*, no mesmo texto (61,42%, como vimos). Comparados, a partir do Quadro 3, os totais de frases activas e de frases passivas dos processos em que, neste texto, o Receptor corresponde ao relator da viagem com os respectivos totais no *corpus*, verificamos que as activas deste texto correspondem a 90,47% do total das activas do *corpus*, e as passivas correspondem a 75%. Estes dados denotam a fraca representatividade dos restantes textos para a análise qualitativa que nos interessa levar a cabo, podendo mesmo concluir-se que das duas uma: ou os autores desses textos não dão particular importância, na construção narrativa, ao que

lhes foi dito no decurso das viagens, ou então, dando-lhe importância, usam verbos menos neutros para projectar a locução de outrem, assim condicionando o leitor na interpretação e no estabelecimento de julgamentos sobre a oração projectada, ou seja, sobre o que se reproduz do discurso do outro.

Um outro dado importante que os valores registados revelam, neste caso os do Quadro 2, é o facto de a percentagem de construções passivas ser superior nas ocorrências de processos verbais com V=R do que na totalidade das ocorrências das diferentes formas do verbo: 32,25% contra 25%. Tal verificação parece apontar para a pertinência da pergunta de investigação que comanda a análise, mais concretamente a de saber se o viajante se coloca como Receptor de Citações, Relatos e Verbiagens em que o Dizente é elidido ou, se, pelo contrário, é Receptor em processos em que aquele está presente, possibilidades facultadas, respectivamente, pelas formas passivas e formas activas das orações.

Aliás, a esse respeito é de notar que, com excepção do caso de *Sketches* — em que as frases activas de processos *tell* c/ V=R têm uma predominância, quer relativamente ao total de activas nos quatro textos do *corpus*, 90,47% (vd. Quadro 3), quer relativamente ao total de passivas *tell* c/ V=R no mesmo texto, 71,69% (vd. Quadro 2) —, nos textos, e em geral, as passivas *tell* c/ V=R têm maior predominância face às correspondentes activas (vd. Quadro 2)⁴, sobretudo se pensarmos na possibilidade de, por exemplo, os dados de *Sketches* não serem contabilizados. (Repare-se como, nesse caso, os resultados seriam completamente diferentes, o que demonstra a importância de *Sketches* para os objectivos deste trabalho, como terei oportunidade de demonstrar).

Se reflectirmos agora exclusivamente sobre os dados referentes ao processos verbais *tell* c/ V=R, em função da sua separação entre processos verbais projectantes e processos verbais puros, verificamos que apenas dois processos são puros, isto é, apenas dois processos têm Verbiagem, um na activa e o outro na passiva, não fazendo assim parte integrante de

⁴ O texto *Narrative* é aqui uma excepção, constituindo-se como um caso à parte, pois tem apenas uma frase com *tell* c/ V=R e, sendo essa frase activa, as activas assumem um valor de 100% e as passivas um valor de 0%.

um complexo oracional formado por projecção do verbo *tell*. Trata-se dos seguintes processos:

1. [...] I promise faithfully to describe all the strange and wonderful events she told me [...]

(*Sketches*)

2. (...) we are told the most improbable fictions with the gravest faces imaginable.

(*Tourist*)

Um dado curioso a este respeito é o facto de, na totalidade dos processos verbais V=R (com *tell*, mas não só, portanto), apenas surgirem seis com o participante Verbiagem, sendo que os dois apresentados, os únicos com *tell*, são também os únicos em que a Verbiagem serve para avaliar o que foi dito: num caso, por meio do pré-modificador “*strange and wonderful*”; no outro, por meio do pré-modificador “*most improbable*”, mas também do próprio Núcleo do Grupo Nominal, “*fictions*”.⁵

Os restantes processos verbais com *tell* são processos projectantes e, como tal, utilizados sobretudo para introduzir a voz de outrem, quer seja por Citação, quer por Relato, muito embora cinco projectem Citações, duas a partir de frases na forma activa, ambas de *Overland*, e três a partir de frases na forma passiva, todas de *Tourist* e todas de registo de fontes materiais, que passo a citar:

3. “Lord Howard smiled indifferently, and cast upon every side looks full of self-complacency” – “An effeminate youth, with light hair, represented France”, so they told me.

(*Overland*)

4. The bread was likewise coarse and dark, the butter untastable, though here, as at Badajoz and Elvas, they told me “it must be excellent, for it had come from Lisbon.”

(*Overland*)

⁵ Por oposição a estes dois casos, os restantes exemplos em que temos o participante Verbiagem, três com o verbo *ask* e um com o verbo *mention*, apresentam um carácter muito pouco avaliativo: «*An instance of this was mentioned to us by a British merchant [...]*» (*Tourist*), «*(...) such questions being asked us.*» (*Sketches*), «*several people sauntered in to ask us questions*» (*Sketches*) e «*she at intervals asking us sundry questions as to our country and destination*» (*Sketches*).

5. The lips, we are told, "should be rather full than thin, rather relieved than sunk, and the edge of a pure carnation."

(*Tourist*)

6. "Their (the ladies') lovers," we are told, "are seldom gratified with a sight of them, except in the churches."

(*Tourist*)

7. (...) but it is impossible not to admire the complaisance, whatever we may think of the philanthropy, of the architects of Batalha, who, we are told, assured the king that, as to the humidity of the site, "it would dry with the edifice, or at least such parts of it as were injurious to health."

(*Tourist*)

Todos os outros processos verbais projectantes servem para introduzir Relatos, o que equivale a dizer que a maioria dos viajantes escolhe relatar pelas suas próprias palavras o que outros lhes disseram, em vez de reproduzirem as palavras desses outros. Note-se, para esse efeito, a discrepância de resultados entre os diferentes textos e autores: ao contrário dos autores dos cinco exemplos de Citação transcritos acima, que, nos textos de que fazem parte, constituem metade ou mais de metade dos processos de *tell c/V=R*, o autor de *Sketches*, de longe o que mais faz uso do verbo *tell*, e de entre tais usos o que mais o utiliza para reproduzir enunciados que lhe foram dirigidos, escolhe sempre o Relato, em detrimento da Citação; o mesmo é válido para o autor de *Narrative*, que, num único processo contabilizado, faz uso também do Relato. Nesse seu único uso de projecção de *tell c/V=R*, o autor de *Narrative* usa a voz activa, assim identificando claramente o Dizente do Relato que reporta, ao mesmo tempo que dá veracidade aos factos que enuncia. Ou seja, o Relato serve, neste caso, sobretudo para dar autenticidade à informação que se pretende transmitir, funcionalidade nem sempre presente nos restantes Relatos do *corpus*:

8. While looking over the highest part, and remarking the diminutive appearance of the people in the valley, my guide told me it was the favourite resort of suicides, who come to fling themselves over, and the spot is certainly most inviting to those tired of hill, and willing to rush into certain destruction.

(*Narrative*)

Os restantes casos de Relato encontram-se na sua maioria em *Sketches* — 52 casos num total de 55 — e dois ainda em *Overland*, embora estes dois não sejam dignos de registo, pois a sua funcionalidade não se diferencia da funcionalidade dos exemplos de *Sketches*, de que darei notícia adiante:

9. I heard the bay of the goat which Gil Gedas was mimicking outside, and asked whether I could not have some milk, but I was told that this was impossible, as they were going to make mutton of her.

(*Overland*)

10. The patrôa, a very respectable matron, told us that, though the blood was curdling at her heart, she contrived to steal to a window that communicated with the quinta, let herself down, and escape to the wild Pegoens moor, [...].

(*Overland*)

De facto, estes dois exemplos, o primeiro na passiva, sem Dizente expresso, e o segundo na activa, não se diferenciam dos exemplos de *Sketches*, se considerarmos que, nuns e noutros, o principal traço que os caracteriza é semelhante: a activa, com a presença obrigatória do Dizente, serve sobretudo para projectar Relatos quase todos com informação de carácter histórico, social, cultural, etc., relativa ao país, ou informação associada ao Dizente (normalmente um português ou um estrangeiro a viver em Portugal) e ao contexto em que este/a vive ou viveu, tudo factos dignos de registo a que o viajante pretende imprimir, por um lado, o cunho da autenticidade, e, por outro, o valor da informação garantida pela interacção com os habitantes do país (exemplos 11 a 15); a passiva, por sua vez, quase sempre sem Dizente expresso⁶, serve fundamentalmente para projectar orações cujo conteúdo diz respeito a informações pontuais, quer de tempo, quer de espaço, quer ainda de quantidade, relativas a momentos precisos da viagem (exemplos 16 a 20).

⁶ Por passiva sem Dizente expresso refiro-me fundamentalmente a passivas em que o Dizente não só não está expresso, como também não é recuperável pelo contexto, sendo, portanto, assim, deixado indeterminado.

11. For their construction a vast number of convents and other edifices were pulled down, among which our friend told us was the building of the institution over which he presided;
12. He told us that during the Peninsular war he had been in the Commissariat department, where he had commenced making a fortune, at present no to be despised;
13. (...) they told us, exhibiting several others, that the wool came from the backs of their own sheep or those of their neighbours (...).
14. (...) after some conversation, he told us he was mayor domo, or director, of an hospicia, a foundling hospital;
15. He told us that in his youth he had been brought up to no trade, spending his time in fishing and looking after game – in other words, that he had been a poacher;
16. There are, we were told, 25,000 volumes, chiefly, as we saw, on divinity and law (...).
17. When we reached the western gate we were told that our baggage must go round to the eastern gate to be examined (...).
18. (...) we reached a house we were told was the *estalagem*.
19. (...) in the *Plaça de la Constitucion*, where we were told the gay world would assemble about nine o'clock.
20. When I reached the door, I was told the inn was a little further on (...).

Esta separação de usos parece-me ser mais motivada por aspectos de natureza cognitiva relativos à categorização do tempo e do espaço do que propriamente por questões de escolhas linguísticas no modo de construção do real. De facto, a julgar pelos dados, Dizentes indeterminados, não expressos, por oposição a Dizentes claramente identificados parece ser uma manifestação ditada por mecanismos gerais de captação e apreensão do real, de teor cognitivo, do que propriamente uma contribuição directa da categorização do sistema linguístico para a organização espacial e temporal da experiência. Deste modo, será em função de tais mecanismos e do tipo de experiência a ser codificada que é utilizada a voz activa ou a voz

passiva e, com elas, a presença ou a ausência de um Dizente⁷.

Mas para além disso, esta distinção, que me parece clara, entre o uso da voz activa e da voz passiva é ainda reforçada por outra característica que, penso, merece alguma reflexão. Trata-se da possibilidade de omissão do Dizente, facultada pelo uso da passiva, ao serviço de locuções que são de imediato refutadas ou ironicamente comentadas pelo viajante.

Os exemplos de tais ocorrências (21 e 22) parecem registar um certo pudor em atribuir a locução a alguém em particular; o mesmo tipo de atitude por parte do viajante é visível num caso em que o Dizente está expresso, mas não deixa de ser curioso que este seja *the neighbouring peasantry*, não havendo assim grande diferença entre este exemplo (23) e os outros dois:

21. We passed through several villages, at each of which when we inquired for Regoa we were told it was but half a league off; yet the retreating end of this half league we could not manage to reach.
22. Near one of them, on the summit of a large rock, is the statue of an armed knight on horseback, representing, we were told, the soldier who plunged his spear into the side of Jesus; but why he is thus commemorated, I cannot possibly say.
23. We were told by some of the neighbouring peasantry that the good prior is allowed to reside on the scene of his former power by the particular mediation of the pope, but I suspect his holiness has not interfered on the subject (...).

⁷ A questão aqui colocada, embora lateral aos objectivos deste trabalho, não é irrelevante e merece reflexão. Com efeito, o debate sobre a concepção do espaço, por exemplo, ainda hoje se joga entre posições que advogam a presença de determinantes cognitivas por oposição a determinantes linguísticas e vice-versa, sem que fique claro se dividimos o espaço de um modo particular por causa da língua que aprendemos ou, se, pelo contrário, a conceptualização e percepção espacial não-linguística é implicitamente categórica (cf. Bowerman, 1996:145). Reconhecendo que o caso aqui focado se distânciava de outros que têm sido estudados a este nível, por mais complexo, penso que, face a ele como aos outros, não há lugar para a recusa imediata de uma das posições, em detrimento da outra, pelo menos enquanto não houver dados mais irrefutáveis (sobre o assunto, *vd.*, por exemplo, Bowerman, 1996 e Levinson, 1996).

De um modo geral, podemos dizer que a análise destes exemplos de *tell*, e de outros com verbos de teor semelhante, como *relate* (3 ocorrências) ou *inform* (17 ocorrências), mostra diferentes usos associados à voz activa e à voz passiva, como afirmado atrás; mas ela demonstra também, de uma forma ou de outra, isto é, com Dizente expresso ou com Dizente omitido, o modo como este tipo de projecção pode, no caso de alguns viajantes, nomeadamente de William Kingston, o autor de *Sketches*, contribuir decisivamente para uma construção do real que está menos próxima da subjectividade do viajante e mais próxima do relato factual, histórico, de múltiplas fontes. A frequência com que Kingston usa este tipo de projecção está longe de ser igualada pelos outros viajantes, como se estes pouco tivessem interagido com os portugueses e pouco tivessem ouvido que fosse digno de registo.

Associada a esta constatação, temos a particularidade de a mesma ser válida também para os restantes tipos de processos verbais presentes no *corpus*, como passo de imediato a demonstrar, por meio da consideração de processos em que o verbo de projecção se apresenta, em princípio, subjectivamente marcado, i. e., com a expressão da subjectividade do falante a informar a significação daquilo que é projectado.

Processos verbais com verbos de projecção subjectivamente marcados

Para além dos verbos *relate* e *inform*, que se enquadram no grupo dos verbos anteriormente analisados, de que *tell* é o representante maioritário, o *corpus* regista ainda a presença de outros verbos de projecção em processos verbais V=R. Trata-se dos verbos de seguida apresentados no Quadro 4, em função do relato de viagem em que ocorrem e da totalidade dos quatro relatos. No final do quadro, apresento, em percentagem, os valores do total de processos em cada relato de viagem relativamente ao total do *corpus* e, como já havia feito no Quadro 1, a percentagem do número de palavras com que cada texto concorre para o total de palavras do *corpus*.

VERBOS	<i>Overland</i>	<i>Narrative</i>	<i>Sketches</i>	<i>Tourist</i>	TOTAL
advise	0	0	1	0	1
announce	0	0	1	0	1
ask	0	0	5	1	6
assure	4	1	18	1	24
beg	0	0	2	0	2
declare	0	0	0	1	1
invite	1	0	6	0	7
mention	0	0	0	1	1
observe	0	0	1	0	1
order	0	0	1	0	1
persuade	0	0	3	0	3
recommend	0	0	0	1	1
remind	0	1	1	0	2
state	0	0	0	1	1
urge	0	0	1	0	1
warn	0	0	0	1	1
whisper	0	0	0	1	1
TOTAL	5	2	40	8	55
PROCESSOS	09,09%	03,63%	72,72%	14,54%	100%
PALAVRAS	17,86%	06,16%	54,56%	21,24%	100%

Quadro 4: Totais de ocorrência de verbos de projecção subjectivamente marcados, em processos verbais V=R

A primeira conclusão a retirar dos dados apresentados no quadro diz respeito à fraca incidência de processos verbais deste tipo (abaixo dos 10%) nos textos *Narrative* (2 processos) e *Overland* (5 processos). Considerando que estes valores em nada se diferenciam dos valores de *tell c/ V=R* registados nos mesmos textos, podemos, agora sim claramente, responder à pergunta/hipótese anteriormente colocada de que, das duas uma, ou os autores desses textos (incluindo *Tourist*) não dão particular importância, na construção narrativa, ao que lhes foi dito no decurso das viagens, ou então, dando-lhe importância, usam verbos menos neutros para projectar a locução de outrem, assim condicionando o leitor na interpretação e no estabelecimento de julgamentos sobre a oração projectada, ou seja, sobre o que se reproduz do discurso do outro. De facto, quer-me

parecer que a primeira hipótese é a mais correcta: ao contrário do autor de *Sketches*, os autores dos restantes relatos de viagens não dão particular importância, na construção narrativa, ao que lhes foi dito no decurso das viagens, ou, pelo menos, não o reproduzem sob a forma de locuções em processos verbais de projecção em que o V=R.

Por outro lado, a análise dos dados demonstra que a utilização destes verbos em processos verbais (com Verbiagem ou com projecção de locuções) em que o Receptor do processo corresponde ao viajante não se diferencia da utilização dada aos verbos anteriormente tratados. Com efeito, como se pode ver pelos exemplos seguintes, os verbos de projecção utilizados, manifestando objectivos ilocutórios e forças ilocutórias que nada devem ao acto neutro de dizer, estão longe de ser subjectivamente marcados, se por tal entendermos a veiculação de julgamentos sobre a oração projectada, ou seja, sobre o que se reproduz do discurso do outro.

24. The man recommended the Parador del Rincon, at the same time saying the one our host at Martin del Rio had advised us to patronize was not bad.

(*Sketches*)

25. Just before day-break it was announced to us that the gun from the steamer had been heard, and rapidly dressing, we were on board as soon as she stopped her wheels before the town.

(*Sketches*)

26. One of the damsels, who had noticed our sketching propensities, once asked us to draw her a design from which to work;

(*Tourist*)

27. Yet I scarcely think that he has given any aid to the insurrection, the more especially as I was assured by the Duke de Saldanha him self, that the Duke de Palmella was fully aware of the counter-movement of the night of the 6th of October (...)

(*Overland*)

28. Our arrieiro begged us always to allow our horses to drink their fill just before arriving at the end of their day's journey.

(*Sketches*)

29. (...) José's trepidation and ill humour much increased, particularly when the tall stranger observed to us that Martin Del Rio was yet a league further on.

(*Sketches*)

30. (...) we overtook our friend, who persuaded us not to stop at a certain venda by the wayside, on account of its doubtful reputation, but to wait for breakfast a couple of leagues further on.

(*Sketches*)

31. I know not how long I might have remained fixed in admiration of this scene, had not my guides, each supplicating for a pistarine, reminded me that I had still farther to go.

(*Narrative*)

32. (...) a circumstance which is stated to us, on good authority, to have happened in England on the marriage of a French gentleman with an English lady.

(*Tourist*)

33. "It would not look well, when so many people are present, for me to set a bad example," he whispered to us.

(*Sketches*)

O que estes exemplos, e os restantes do *corpus*, demonstram é que estamos fundamentalmente perante processos verbais projectantes de locuções (ou até mesmo processos verbais puros, com Verbiagem), em que o verbo projectante utilizado denota uma de três coisas (se bem que as fronteiras entre as três não sejam fixas e rígidas): i) o objectivo ilocutório da locução, como é o caso dos exemplos 24, 25, 26, 27, 29, 31 e 32; ii) a força ilocutória subjacente à locução, como é o caso dos exemplos 28 e 30; e iii) o modo de enunciar a locução, como é o caso do exemplo 33.

Da análise destas ocorrências há, portanto, a registar o facto de os viajantes, e em particular William Kingston, o que mais faz uso de processos verbais com V=R, não usarem verbos de projecção que condicionam o leitor na apreciação da locução que, ou por Relato ou por Citação, reproduzem no seu discurso. Efectivamente, verbos mais dados a tal condicionamento, como *claim*, *command*, *imply*, *plead*, *request*, etc., estão

totalmente ausentes dos dados de análise. Da mesma forma, a fraca ocorrência de formas passivas nestes processos verbais de projecção — 10 para 40 activas, num total de 50 processos —, em comparação com as correspondentes relativas a *tell*, parece apontar para validação da hipótese, a certo momento adiantada, de que a diferença entre *tell* c/ V=R passiva e *tell* c/ V=R activa é sobretudo uma diferença motivada por aspectos de natureza cognitiva de apreensão do real. O que quero dizer é que, na sua neutralidade, *tell* parece ter sido estruturado pelo uso para responder a necessidades de natureza cognitiva dos falantes, em termos de apreensão da realidade e da narrativa da interacção daqueles com esta. De facto, nestes processos agora analisados, as passivas e as activas têm uma funcionalidade diferente da que foi enunciada para os exemplos de *tell*, isto é, o teor das locuções que os processos introduzem não apresenta uma variação que possamos identificar em função de dois grupos, pensados tendo por motivação ou por resultado a voz, activa ou passiva, do processo verbal em questão. Nestes casos concretos, podemos dizer claramente que as escolhas linguísticas são social e culturalmente motivadas, pelo que reflectirão mais naturalmente aspectos de natureza subjectiva ou ideológica de construção do real.

Conclusões

Como tive oportunidade de afirmar no início, o projecto pessoal de investigação de que este texto apresenta os primeiros resultados é muito mais vasto do que qualquer trabalho parcelar que sobre o mesmo possa ser feito e visa sobretudo a análise de aspectos da expressão da individualidade e da nacionalidade nos relatos de viagem que constituem o *corpus* aqui descrito e analisado. Como é óbvio, a análise ora efectuada apenas lateralmente aponta pistas para o prosseguimento desse objectivo e não procura responder a questões com ele directamente relacionadas. Todavia, o que motivou o presente trabalho, i. e., saber como o viajante, se posiciona nos processos verbais, em termos da transitividade, relativamente ao participante cuja voz reproduz, é suficiente para o estabelecimento de algumas conclusões que me parecem pertinentes para o projecto de investigação, quer por si só, quer por relação com as conclusões de outros momentos de análise posteriores que por este trabalho venham a ser ditados.

Assim, e com vista a tal objectivo, friso, desde já, o facto de a ocorrência de processos verbais com V=R ser irregular no *corpus*, com *Sketches* a registar uma predominância deste tipo de manifestação ideacional, face aos restantes relatos de viagens. Isso mesmo é visível no Quadro 5, da página seguinte, em que apresento os totais de todos os processos verbais com V=R encontrados no *corpus* (representados pelos verbos que os realizam), em comparação, mais uma vez, com os totais de palavras de cada um dos textos que constituem o *corpus*.

A diferença, a este nível, entre os vários relatos de viagem, ou seja, entre os seus modos de relatar, parece ser motivada, podemos dizê-lo, por variações estilísticas entre os quatro autores, em particular no que ao nível da expressão da metafunção ideacional da linguagem estas dizem respeito. De facto, ela não é apenas uma diferença no uso de processos verbais com V=R, ela é também, inequívoca e consequentemente, uma diferença no uso de todo o sistema da transitividade.

No que diz respeito a questões estilísticas motivadas por este aspecto, podemos então afirmar que elas decorrem do facto de os diferentes autores terem modos diversos de se relacionar com a realidade que descrevem, escolhendo Kingston, por exemplo, um modo de relato que está menos próximo do da subjectividade do viajante e mais próximo do relato factual, histórico, de múltiplas fontes, como já tive oportunidade de afirmar.

Ao contrário, não parecem também restar dúvidas de que os outros viajantes, pelo uso bastante comedido de processos verbais com V=R, mostram estar pouco motivados para a interacção com os portugueses e para o relato de experiências e vivências de outras pessoas. Esse parece ser o caso de W. H. Harrison, por exemplo, o autor de *Tourist*, que, num total de 19 processos utilizados, escolhe 3 para citar, não pessoas, mas fontes materiais, i. e., livros (*vd.* exemplos 5, 6 e 7), e a generalidade dos restantes para relatar locuções não de portugueses mas de cidadãos estrangeiros, nomeadamente britânicos, com locuções que são ou servem para ser, no discurso posterior do viajante, pouco abonatórias dos portugueses:

VERBOS	<i>Overland</i>	<i>Narrative</i>	<i>Sketches</i>	<i>Tourist</i>	TOTAL
advise	0	0	1	0	1
announce	0	0	1	0	1
ask	0	0	5	1	6
assure	4	1	18	1	24
beg	0	0	2	0	2
declare	0	0	0	1	1
inform	1	2	10	4	17
invite	1	0	6	0	7
mention	0	0	0	1	1
observe	0	0	1	0	1
order	0	0	1	0	1
persuade	0	0	3	0	3
recommend	0	0	0	1	1
relate	0	0	0	3	3
remind	0	1	1	0	2
state	0	0	0	1	1
tell	4	1	53	4	62
urge	0	0	1	0	1
warn	0	0	0	1	1
whisper	0	0	0	1	1
TOTAL	10	5	103	19	137
PROCESSOS	07,29%	03,64%	75,18%	13,86%	100%
PALAVRAS	17,86%	06,16%	54,56%	21,24%	100%

Quadro 5: Totais de ocorrências de processos verbais V=R no *corpus*

34. A friend of ours, whose fate it was once to pass a night at an inn in the town of Wexford, assures us that the fleas are so large that one can hear them bark; those of Batalha, however, needed no such accomplishment to prevent us from closing our eyes.
35. A friend of ours in Oporto related to us an anecdote of a similar character, and scarcely exceeded, as an instance of effrontery, by that which we have just quoted.
36. Previously to our quitting our own country, we had been kindly warned by a friend of the inconveniences we were likely

to encounter; and accordingly provided against them as well as circumstances would permit, and in a manner which we will note for the benefit of those who may contemplate a provincial tour in Portugal (...)

37. The prejudices of the lower order of Portuguese on the subject of labour, are somewhat singular. An instance of this was mentioned to us by a British merchant, to whom we were indebted for many hospitable attentions while in Oporto.
38. Credulity in such matters, however, would appear to be the growth of the country, since it flourishes almost in as great vigour in the present day, when we are told the most improbable fictions with the gravest faces imaginable.

Do ponto de vista das implicações que esta análise pode trazer para análises futuras, com vista ao prosseguimento dos objectivos do projecto pessoal de investigação, é de registar a necessidade de proceder a um levantamento de outros tipos de processos verbais, em particular os que servem para projectar, como se de crenças gerais se tratasse, locuções que nada mais são do que construções subjectivas da realidade observada. Refiro-me em particular a construções passivas de verbos de projecção que têm *it* como sujeito impessoal, como, por exemplo, em «[...] *and so great was his liberality, that it is said of him, that he passed not a day without making a present [...]*» ou em «*It is related of him that he had no particular residence (...)*», ambos de *Tourist*.

Uma análise muito primária de primeiros resultados indica que a utilização deste tipo de construção virá confirmar as conclusões deste primeiro trabalho sobre o *corpus*, já que tais construções parecem ser muito pouco usadas pelo autor de *Sketches* e muito mais usadas pelos outros autores, em particular pelo autor de *Tourist*. Mas isso será matéria para investigação no próximo trabalho.

Referências

- BOWERMAN, M. (1996): «The Origins of Children's Spatial Semantic Categories: Cognitive versus Linguistic Determinants», in J. J. Gumperz & S. C. Levinson (eds.), *Rethinking Linguistic Relativity*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 145-176.
- HALLIDAY, M. A. K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*, 2nd Ed., London, Edward Arnold.
- LEVINSON, S. C. (1996): «Relativity in Spatial Conception and Description», in J. J. Gumperz & S. C. Levinson (eds.), *Rethinking Linguistic Relativity*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 177-201.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. (1995): *Lexicogrammatical Cartography: English Systems*, Tokyo, International Language Sciences Publishers.
- MARTIN, J. R., C. M. I. M. MATTHIESSEN & C. PAINTER (1997): *Working with Functional Grammar*, London, Arnold.
- THOMPSON, G. (1996): *Introducing Functional Grammar*, London, Arnold.

**Elementos para a análise da experiência
dos viajantes ingleses em Portugal: processos
relacionais, atribuições e identificações**

EMÍLIA RIBEIRO PEDRO
LUÍSA AZUAGA

Elementos para a análise da experiência dos viajantes ingleses em Portugal: processos relacionais, atribuições e identificações

ABSTRACT: This paper aims at analysing attributions and identifications configured in relational processes used by the authors of the four travelogues to capture their construction of a mental picture of reality, their specific position concerning Portugal, the Portuguese, their institutions and customs. The main objectives are to find out what has impressed the travellers during their journey and how they evaluated what they saw. Notwithstanding the favourable appreciation of some aspects analysed here, the global impression given to the reader seems to be quite negative.

Introdução

No âmbito da teoria sistémico-funcional, quando nos detemos na léxico-gramática e consideramos as configurações textuais, é no que chamamos de sistema de transitividade que tem expressão a meta-função ideacional, ou seja, a léxico-gramaticalização das nossas ideias e das nossas representações do mundo. Na verdade, o sistema da transitividade tem como enquadramento a meta-função ideacional e deve ser entendido como um recurso gramatical para construir representações do mundo, acções, acontecimentos e actividades, expressas, gramaticalmente, por processos (logo, por verbos), pelos participantes envolvidos nesses processos e pelas circunstâncias em que actividades, acontecimentos e acções ocorrem (*vd.*, por exemplo, Halliday, 1994, Thompson, 1997, Martin, Matthiessen e Painter, 1997). Os tipos de processos são

múltiplos, porque múltiplas são as representações, acções e actividades possíveis de configurar linguisticamente. As línguas, porém, organizam essas formas de as representar linguisticamente num número reduzido de categorias de processos distintos, classificados pela gramática sistémico-funcional como materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais.

Porque estamos empenhadas na análise da codificação das representações dos viajantes ingleses em Portugal, naturalmente que todos os processos nos interessam; decidimos, no entanto, neste artigo e nesta fase do projecto, centrar a nossa atenção nos processos relacionais. É sobre estes processos, por conseguinte, que diremos agora algo, com vista à sua caracterização teórica, tal como o modelo que seguimos a conceptualiza.

Processos Relacionais – caracterização

Os processos relacionais são processos de ser ou estar em algo e estabelecem uma relação entre dois conceitos. Na frase "*Portuguese soldiers are patient under difficulties and hardships*" (Tourist), é estabelecida uma relação entre um tipo de pessoas, *Portuguese soldiers*, e uma qualidade, *patient*, sendo a função do Predicador *are* apenas a de assinalar a existência dessa relação.

Identificados pela noção de ser/estar, os processos relacionais não devem ser confundidos com os processos existenciais que revelam que algo existe ou acontece como em "*Of these* (referindo-se aos Galegos) *there are 30,000 in Lisbon*" (*Overland*). De facto, se em ambos os tipos de processos, relacionais e existenciais, o participante está envolvido num processo de ser, nos últimos, isto é, nos existenciais, apenas se expressa a existência de uma entidade.

De um ponto de vista estrito, nenhum dos termos básicos experienciais, como processo e participante, se pode verdadeiramente aplicar no caso dos processos relacionais. Na verdade (cf. Thompson, 1997: 86), neste tipo de processos não existe um processo, no sentido normal de 'algo que acontece' e, embora haja sempre dois conceitos, um de cada lado da relação, há apenas um participante no mundo real. No nosso exemplo, *patient* não é verdadeiramente um participante, antes um atributo. Da mesma maneira, em "...*the sole permanent inhabitants of this*

magnificent pile are rats and fleas” (*Tourist*), os dois conceitos apresentados referem-se à mesma entidade *rats and fleas* e, de novo, a função do verbo é apenas a de assegurar uma relação de identidade entre ambos.

Estes exemplos de *Tourist* ilustram os dois tipos fundamentais de processos relacionais considerados na gramática sistémico-funcional: os atributivos e os identificativos. Falamos de processos relacionais atributivos quando, como no nosso primeiro exemplo, a um Portador, *Portuguese soldiers*, é dado um Atributo, *patient*. Falamos de processos relacionais identificativos quando algo ou alguém, o Identificado, *rats and fleas*, no nosso outro exemplo, é caracterizado por meio de um Identificador, *the sole permanent inhabitants of this magnificent pile*.

Dado que nos limitámos a analisar, nos referidos textos, os processos relacionais em que o predicador é *be*, sempre na sua forma *are*, não tendo estendido o nosso estudo a determinados verbos como, por exemplo, os equativos como *mean*, *represent*, *exemplify* ou *express*, que, caracteristicamente, são associados aos processos identificativos, para tornar nítida a distinção entre os dois modos relacionais, recorreremos à aplicação de alguns testes específicos de análise, como o teste da reversibilidade e à constatação do tipo de grupo nominal encontrado nas orações e frases atributivas e identificativas (cf. Halliday, 1994:120 e 123). De facto, enquanto nos processos identificativos os dois conceitos, Identificado e Identificador, relativos à mesma entidade, são passíveis de reversão, como verificamos, por exemplo, em “*The most remarkable are the chesnut-women*” (*Sketches*), em que, ao aplicar o teste da reversibilidade, não ocorre qualquer mudança na forma verbal, “*the chesnut-women are the most remarkable*”, nos processos relacionais atributivos os dois conceitos, Portador e Atributo, não são reversíveis. Por outro lado, nos processos atributivos, o grupo nominal que funciona como Atributo é tipicamente indefinido, como no exemplo “*The public offices are, in fact, paddocks for the younger members of the aristocracy and middle classes*” (*Overland*), enquanto, nos processos identificativos, o grupo nominal que funciona como Identificador é tipicamente definido, como em “*their voices are generally the most hideous thing that can be imagined*” (*Overland*).

Haveria bastante mais a dizer, de um ponto de vista teórico, sobre a caracterização dos processos relacionais, nomeadamente a indicação de que tanto os atributivos como os identificativos se podem, em seguida,

subcategorizar em três tipos, intensivos, circunstanciais e possessivos. Não iremos, porém, neste momento, mais longe na caracterização teórica, pela razão simples de não termos usado na análise de que aqui damos conta e que se limitou, deste ponto de vista, a considerar apenas a classificação dos processos relacionais em atributivos e identificativos.

Passamos agora a explicar as nossas opções metodológicas.

Metodologia e instrumentos de análise

A relação de atribuição ou de identificação configurada nos processos relacionais pode fazer-se através de diversos verbos. Halliday (1994:132), por exemplo, apresenta-nos uma lista de verbos que podem funcionar como processos relacionais. A nossa opção, porém, foi a de nos concentrarmos em um verbo que é, por definição, relacional e, de entre todos os verbos ingleses, o mais neutro: o verbo *be*, mais concretamente na forma *are*.

Decidimos, assim, nesta primeira fase, analisar, no conjunto total do *corpus* as ocorrências de *are* e proceder à sua classificação em termos de processos relacionais atributivos e/ou identificativos. Obviamente, foi necessário antes eliminar num total de mil novecentas e dezoito formas encontradas, todas as ocorrências em que *are* era simplesmente um auxiliar, da passiva ou da forma progressiva, e, ainda, todos os casos em que estávamos perante um processo existencial. Seleccionámos, em seguida, apenas as formas que eram da terceira pessoa do plural. De facto, não considerámos as formas *are* que co-ocorrem com as formas pronominais de primeira e segunda pessoas do plural, concretamente *we* e *you*, porque o nosso objectivo era o de captar a posição explícita do escritor/falante relativamente ao Outro (país, pessoas, instituições, etc.), sem qualquer envolvimento da sua parte na predicação. No final deste processo, chegámos a um total de setecentas e dez (710) ocorrências de *are* indiscutivelmente relacionais, atributivas ou identificativas.

Na fase seguinte da análise, pareceu-nos importante verificar a quem ou a quê eram dados atributos, ou seja, que tipos de Portadores foram encontrados, e quem ou o quê era identificado, isto é, que Identificados tinham sido seleccionados pelos autores da realidade observada e descrita. Definimos então um conjunto sistemático de categorias que são, afinal, os tópicos sobre os quais se debruça o olhar do viajante, os

temas sobre os quais escreve, as partes da realidade que observa e que mais lhe interessaram. Esses tópicos, esses temas, esses aspectos do real distribuem-se, basicamente, por quatro categorias: **pessoas**, **aspectos culturais e institucionais**, **animais** e **natureza**.

Na categoria **pessoas**, ilustrada pelo sublinhado na frase de *Sketches*, “the girls who are playing are my taylor’s daughters”, não só foram considerados Portadores e Identificados que referiam pessoas, mas também os que se referiam ao seu aspecto físico, às suas qualidades e vícios, profissão ou interesses, por exemplo. Na categoria **aspectos culturais e institucionais** surgem-nos realidades como: *churches, inns, roads, streets, leggings, buildings, statues, cloisters*. A categoria **animais** é auto-explicativa; é exemplo, também de *Sketches*, para esta categoria, o Identificado em “salmon are rare, as are sturgeon, but cod, skate, and soles are in great abundance”. Da categoria **natureza** são exemplos referências como: *vast woods* e *the rivers*.

Estabelecemos, então, diversas subcategorias, no conjunto dos quatro textos, embora com algumas variações entre eles na tentativa de verificar o que é que cada uma das categorias encontradas especificamente caracterizava. No entanto, fazemos referência apenas às que dizem respeito às duas categorias mais frequentemente encontradas. De facto, **natureza** e **animais**, dada a escassez de ocorrências destes dois tipos (cf. Gráfico 3 a seguir), constituem-se como categorias pouco representativas, não tendo nós, por isso, procurado nelas alguma subcategorização.

Recorrendo ao sublinhado, vamos em seguida indicar as diferentes subcategorias.

Na categoria **pessoas**, considerámos características e qualidades, classes sociais, profissões e ocupações, mulheres, quase sempre numa oposição mulheres/homens, e ainda nacionalidades. Incluem-se, nesta última, referências a indivíduos de diversas nacionalidades, para além da portuguesa, (portugueses, em geral, ou tipos particulares de portugueses – *the inhabitants of Guimaraens* (*Sketches*), por exemplo), nomeadamente, referências a ingleses, irlandeses, franceses, espanhóis e galegos, sempre que, pelas comparações muitas vezes propostas, se pode tirar conclusões sobre a própria nacionalidade portuguesa. Em classes sociais e profissões e ocupações, como é esperado do próprio nome atribuído às subcategorias, encontramos referências especiais, como, por exemplo, a

fidalgos, camponeses e mendigos, a políticos e militares, bem como a marinheiros, padres e actores. Quanto à última subcategoria, mulheres, levámo-la em consideração, dado por vezes estarmos perante explícitas comparações entre os dois sexos ou encontrarmos mesmo apreciações e avaliações que só às mulheres dizem respeito.

Na categoria **aspectos culturais e institucionais** estão incluídas subcategorias como instituições e lugares, monumentos, infra-estruturas – ruas, casas, pensões, estalagens, hotéis –, acontecimentos, ornamentos – jóias, estatuária, pinturas, caracteres góticos, ornamentos nos tectos, nas casas, nas janelas – e produtos – vinhos, vegetais, frutos e ainda objectos vários.

O último passo da análise conduziu à tentativa de classificação em três categorias de teor avaliativo, **neutro**, **positivo** e **negativo**, dos processos atributivos e identificativos que caracterizámos no total do *corpus*. De facto, muitas ocorrências existentes nos vários textos veiculam aquilo que considerámos ser juízos de valor positivo ou negativo codificados pelo viajante sobre a realidade – o país, as pessoas, as coisas, os aspectos vários de actividade, estado ou acção, a natureza – em que se encontrava e perante a qual necessariamente reagia. São exemplos de tais ocorrências “*The Portuguese are first-rate caulkers and rigges*” (*Sketches*) e “*The statues in the portico are detestable*” (*Overland*) que ilustram, respectivamente, avaliações positivas e negativas. Todavia, foi necessário encontrar uma outra categoria em que não fosse expresso um juízo de valor, a categoria de teor avaliativo **neutro**. Na realidade, deparamos nos textos com frases do tipo “*The arches are round*” (*Sketches*) ou “*Those are Montaneiras*” (*Sketches*) a que atribuímos essa classificação. Trata-se de ocorrências de uma não avaliação explícita feita pelo viajante inglês em terras de Portugal a que chamámos neutras, descritivas, porque é isso mesmo que nelas é feito: a descrição de vários aspectos do real circundante, sem que o viajante emita sobre eles uma opinião de cariz pessoal, mais ou menos subjectiva, como é próprio da natureza das opiniões. De qualquer modo, no caso das ocorrências que considerámos descritivas, o único indício de tomada de ponto de vista por parte do escritor/viajante é a escolha dos aspectos sobre os quais se pronuncia.

Nesta nossa tentativa de classificação em categorias de teor avaliativo, como os exemplos ilustrativos dos três tipos propostos

permitem verificar, baseamo-nos no sentido literal dos grupos que constituem o Atributo e o Identificado.

No entanto, a utilização deste critério não é totalmente satisfatória para a totalidade dos dados em análise, pois algumas frases apresentam problemas, se apenas classificadas seguindo tal critério. Por exemplo, a oração relacional “*the professors are all priests*” (*Sketches*), à primeira vista deve ser classificada como neutra. Contudo, se tivermos em conta as conotações culturais, a sua classificação deverá ser diferente. Recorde-mos que o autor está a falar da Universidade de Coimbra e dos seus professores, na altura da sua viagem a Portugal; tratando-se de alguém cujo país de origem é protestante, onde o corpo docente universitário é laico, esta observação, de facto, é negativa, na medida em que, afinal, implica que o ensino universitário, na época, era tendencioso, não se esperando, neste sentido, uma orientação pedagógica isenta.

Da análise realizada e das suas diferentes etapas daremos conta a seguir.

Resultados

Em primeiro lugar, consideremos a distribuição, dos processos relacionais atributivos e identificativos, pelas ocorrências de *are* no total dos textos em análise que apresentamos na Figura 1:

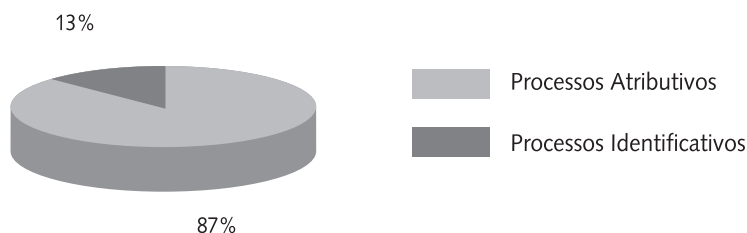


Figura 1: Distribuição por processos relacionais, atributivos (616) e identificativos (94), das ocorrências de *are* no *corpus*

Este gráfico merece-nos um comentário que se afigura desde já relevante, baseado na percentagem de utilização dos dois processos em causa, muitíssimo mais elevada no caso dos atributivos, em relação à dos identificativos. Uma das considerações que podemos tecer relativamente

às diferenças entre os processos relacionais atributivos e os identificativos diz respeito à natureza do seu significado interpretável. De facto, os processos relacionais atributivos parecem veicular, de uma forma muito mais evidente, a subjectividade de quem fala, ou escreve, relativamente à realidade observada. Não quer isto dizer que os processos relacionais identificativos não transportem igualmente as marcas da subjectividade do falante ou escritor, mas julgamos que essas marcas são mais esbatidas neles do que no caso dos processos relacionais atributivos, na medida em que naqueles se trata de uma identificação, uma entidade é usada para identificar outra, enquanto nestes se atribui uma qualidade ou atributo a uma dada entidade. No caso dos textos que estamos a analisar, e perante os dados patentes na Figura 1, em que é óbvio o desequilíbrio numérico entre o total de processos atributivos e o total de identificativos, esta subjectividade na apreciação que o viajante faz do que descreve torna-se absolutamente evidente, marcada como é pela extrema incidência dos processos relacionais atributivos em relação aos identificativos.

Vejamus agora na Figura 2 como se distribuem estes dados, tendo em consideração cada uma das obras em análise. Estas serão apresentadas segundo a ordem proposta pelo número de palavras nelas contido, ou seja, *Sketches*, *Tourist*, *Overland* e *Narrative*.

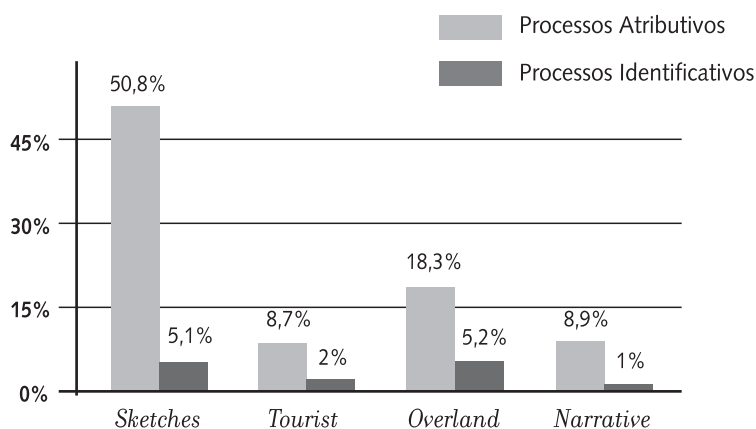


Figura 2: Distribuição por processos relacionais, atributivos (616) e identificativos (94), das ocorrências de *are* nos quatro textos do *corpus*

A tendência verificada no total do *corpus* mantém-se, em geral, quando analisada a distribuição por texto, continuando, por conseguinte, em cada um, a ser muito mais elevado o número total dos processos relacionais atributivos. É, no entanto, de notar que *Tourist* apresenta uma distribuição um pouco menos desequilibrada e, neste sentido, podemos afirmar que as observações do real, linguisticamente codificadas pelo autor desta obra se apresentam com menor grau de subjectividade do que as efectuadas pelos restantes. Um outro comentário que se nos afigura pertinente diz respeito à relação entre o número de processos relacionais encontrados para cada texto e o peso relativo de cada obra no conjunto do *corpus*. Assim, por exemplo, parece-nos significativo que um texto como *Narrative*, que representa apenas 6,16% do total de palavras no *corpus*, apresente um número de processos atributivos que, percentualmente, é relevante, quando comparado, por exemplo, com o de *Tourist*, obra que representa 21,4% do total do *corpus*. Tal significa, em nosso entender, a extensão subjectiva do olhar do autor de *Narrative* na apreciação, como viajante, da realidade portuguesa.

Observemos, de seguida, relativamente ao conjunto dos textos, a distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias acima enunciadas.

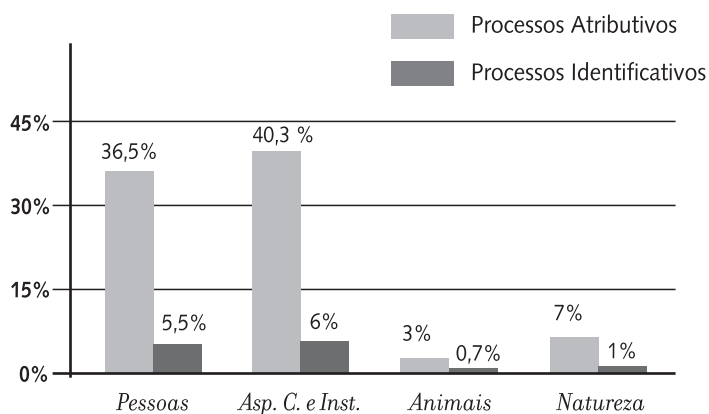


Figura 3: Distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as quatro categorias propostas.

Como podemos observar na Figura 3, no que diz respeito, quer aos processos atributivos, quer aos processos identificativos, são sobretudo, respectivamente, Portadores e Identificados da categoria **aspectos culturais e institucionais** que se encontram em causa, embora esta categoria seja seguida de perto pela categoria **pessoas**. Neste sentido, de um ponto de vista da totalidade dos textos, podemos afirmar desde já que os temas que mais motivam uma construção relacional são exactamente os aspectos culturais e institucionais; note-se, porém, que os resultados são ligeiramente diferentes se considerarmos cada um dos textos na sua singularidade. De facto, enquanto *Sketches* e *Narrative* estão conformes a esta afirmação (cf. Quadros 2 e 5), *Overland*, apresentando noventa e dois processos relacionais classificados na categoria **pessoas**, e apenas sessenta e quatro na categoria **aspectos culturais e institucionais**, leva-nos a afirmar que este autor se preocupou mais em relacionar conceitos relativos a gentes do que a aspectos que foram salientados pelos outros viajantes. Em *Tourist* também a categoria **pessoas** leva uma pequeníssima vantagem, trinta e dois exemplos, contra trinta e um, em relação aos incluídos em **aspectos culturais e institucionais**. De qualquer modo, levando em conta não só uma abordagem global, como também uma visão particular de cada texto, é possível concluir que, na sua permanência em Portugal, os viajantes não são muito sensíveis à natureza que os rodeia, às paisagens e aos animais como possíveis temas de construção de processos relacionais.

Consideremos agora, na Figura 4, a seguir, como se distribuem, para o conjunto dos textos, os setecentos e dez processos relacionais encontrados, tendo em conta as categorias avaliativas propostas, ou seja, positiva, neutra e negativa.

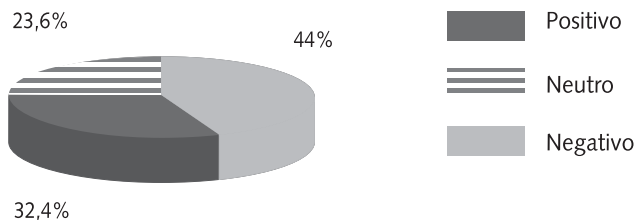


Figura 4: Distribuição dos processos relacionais pelas categorias avaliativas

Quanto à distribuição das categorias avaliativas propostas pelos diferentes textos, os resultados encontrados são os seguintes, tendo em conta o número dos processos no Quadro 1 e as percentagens na Figura 5:

	NEUTROS	POSITIVOS	NEGATIVOS
<i>Sketches</i>	135	175	87
<i>Tourist</i>	21	29	26
<i>Overland</i>	45	77	45
<i>Narrative</i>	29	31	10

Quadro 1: Distribuição no *corpus* das categorias avaliativas

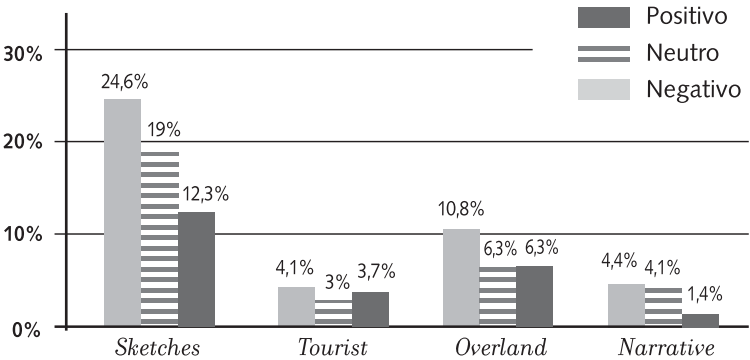


Figura 5: Distribuição percentual das categorias avaliativas pelos diferentes textos

Como vemos, os processos relacionais de avaliação positiva são os predominantes, quer de um ponto de vista do *corpus* em geral (cf. Figura 4), quer do ponto de vista dos textos em particular (cf. Quadro 1 e Figura 5). Se a eles juntarmos os processos relacionais que consideramos de cariz neutro, descritivo, a percentagem torna-se ainda mais relevante. A visão global de atribuições e identificações transmitida por todos os autores e por cada um em particular parece, então, ser favorável a Portugal.

Mas observemos os resultados da última fase da análise, considerando cada um dos autores mais pormenorizadamente. Tendo em conta tanto as subcategorizações antes apresentadas, como as avaliações expressas, ilustramos os diferentes processos relacionais com *are* utilizados, incluindo, entre parêntesis, a avaliação proposta: positiva (p),

neutra (n) e negativa (neg). Nos casos em que temos mais do que um processo relacional com *are*, por exemplo, destacamos o processo em exemplificação por meio do uso de redondo, em detrimento de itálico.

Sketches

Em *Sketches* a distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas é a que apresentamos no Quadro 2:

	<i>ATRIBUTIVOS</i>	<i>IDENTIFICATIVOS</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Pessoas</i>	137	21	158
neutros	46	7	
positivos	55	6	
negativos	36	8	
<i>Asp. cult. e inst.</i>	187	12	199
neutros	62	5	
positivos	87	6	
negativos	38	1	
<i>Animais</i>	9	0	9
neutros	4		
positivos	4		
negativos	1		
<i>Natureza</i>	28	3	31
neutros	8		
positivos	17		
negativos	3		
TOTAIS	361	36	397

Quadro 2: Distribuição em *Sketches* dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas.

É na categoria **aspectos culturais e institucionais** que encontramos o maior número de processos relacionais, cento e noventa e nove, dos quais cento e oitenta e sete são atributivos. Vejamos alguns exemplos, no que toca aos processos relacionais atributivos, em que estão representadas subcategorias como infra-estruturas, lugares e objectos:

- *The streets of Oporto are light, clean and airy* (p)
- *The northernmost is called Lessa, the other Matozinhos. They are too large to be designated villages* (p)
- *Litters are much used for journeys. They are odd-looking machines, gaily painted, and with mountains, carrying two persons and comfortably and one tolerably at his ease. They are something in shape like small Isle of White sociables.* (p)
- *There is some sense in letting off rockets at night, they are pretty things...* (p)

No texto *Sketches*, encontramos, também, cento e trinta e sete processos relacionais atributivos, cujo elemento Portador se encontra incluído na categoria **pessoas**. Vejamos alguns exemplos desses processos:

Na subcategoria nacionalidades:

- *The people of Minho are good and pious.* (p)
- *Portuguese peasantry are a most kind-hearted people.* (p)

Na subcategoria mulheres

- *Women are educated, possessed of all the amiable qualities* (p)
- *To a stranger they are as reserved as Englishwomen generally are...* (p)

Na subcategoria classes sociais

- *The above remarks do not apply to the upper classes; the religion they possess is refined by education; and though many are doubtless still somewhat superstitious, (neg) the greater number are far from being so.*
- *...the people are very attentive and obliging.* (p)

Na subcategoria profissões

- *I do not allude to the priests, when I speak of the useless members of society, except when they do not perform their duty, and then they are far worse than useless.* (neg).

Relativamente aos processos relacionais identificativos, é exactamente a categoria **pessoas** que contém um maior número de ocorrências, ou seja vinte e uma. Fazem-se referências a várias profissões como, por exemplo, almocreves, vendedoras de castanhas com os seus pregões, actrizes e empregados de balcão. Em relação a estas duas últimas profissões, por exemplo, vejamos as seguintes afirmações:

- *They (empregados de balcão) are both in manners and appearance the most disaggreable class... (neg) yet even at times are polite and attentive to a stranger.*

- *They (actores) are absurdly proud... The women are the worst. (neg)*

Quanto à categoria **aspectos culturais e institucionais**, onde existem apenas doze ocorrências, deparamos com as subcategorias infra-estruturas, ruas e estradas, monumentos, igrejas, e lugares; a frase seguinte ilustra este tipo de processos em *Sketches*:

- *The roads and tracks by which a communication is kept up between the villages and the river are the very worst I have ever travelled over. (neg)*

Vejam os ainda um exemplo desta categoria em que se identificam os temas preferidos pelos poetas populares portugueses:

- *The bright skies of day, and glittering stars of night, the pure sparkling atmosphere of their delicious clime, their green fertile vales, their picturesque mountains, their clear streams, and, more than all, their dark-eyed maids, the gallant sons of Lusitania, and their love of liberty, are in their turns the subjects of their music (p). I have heard the same style of singing in Germany, and it must be confessed that the peasantry of that country are far more scientific musicians, though I doubt their being such good poets.*

Finalmente, temos as categorias **natureza** e **animais**. Em relação a processos relacionais atributivos, encontramos, sobre a natureza, referências a montes e campos, margens dos rios, paisagem, tempestades, rochas e correntes e, quanto a animais, menções a peixes, mulas, cães de guarda aos rebanhos e bois, como ilustram as frases seguintes:

- *The banks of the river above which the city stands are rocky. (n)*
- *The oxen employed to draw them are truly magnificent animals (p)*

Quanto aos processos relacionais identificativos apenas ocorrem exemplos na categoria **natureza** que referem florestas, pastagens e determinados rios como em

- *These vast woods and pastures are all the property of individuals (n)*
- *...the other two are the Alva on the west and the Zézere on the south. (n)*

William Henry Giles Kingston, o autor, empenha-se em descrever o país e as suas realidades de um modo tal que, como, por vezes, chega mesmo a afirmar, desfaça preconceitos e ideias erradas que os potenciais leitores ingleses possam ter recolhido sobre os portugueses:

- *...neither the gentlemen nor the peasantry are the uncivilized barbarians some writers have pictured them. (p)*

- *...the charges brought against the Oporto merchants of overloading their wines with brandy, and sweetening them with sugar, are utterly false and scandalous. (p)*

Como se verifica, persiste neste texto um olhar atento ao meio cultural e institucional circundante, em particular às actividades que moldam e ocupam a vida dos habitantes. Para além das diversas referências às mais variadas profissões que já mencionámos, ocorrem ainda outras a, por exemplo, mercadores, negociantes, marinheiros, médicos e cirurgiões, pilotos, remadores, professores, camponeses e lavradores, pastores, provedores de vinho, criados, padres e artesãos, no desejo de se fornecer uma descrição particularizada, mas também humanizada da realidade do trabalho encontrada em Portugal.

Deparamos, em *Sketches*, com um viajante permanentemente curioso em relação a diversos pormenores do país que visita e com um desejo igualmente permanente de tornar textualmente visível esse olhar particularizado; o autor chega até ao ponto de reparar nos palitos e no uso, aliás, bem mais civilizado do que o inglês, que deles se faz em Portugal.

• *Toothpicks are made in vast quantities... They are far more luxurious and refined implements than those used in England, (p) as a fresh one is taken between every course, and immediately broken.*

A apreciação de Portugal e do que é português feita por meio de uma comparação com outros países, como no caso que acabámos de citar, é relativamente frequente:

• *Several of those in Portugal (castelos) are however larger and in better repair than their Spanish rivals. (p)*

• *...they (as mulheres portuguesas comparadas com as espanholas) are softer, more tractable, and equally affectionate (p)*

• *To a stranger they (as mulheres portuguesas) are as reserved as Englishwomen generally are, if not more so (p)*

Como vemos, regra geral, Portugal sai positivamente valorizado destas comparações; no caso das referências às mulheres, porém, o autor, que repara sempre nas pessoas deste sexo, abre uma excepção notória e não deixa de comentar:

• *In beauty alone none are superior to my fair countrywomen, and in other attractive qualities how far inferior are all!... (neg) Irish women are the most delightful beings in existence*

Especialista em vinhos, não deixa de tecer comentários positivos a este nosso produto, bem assim como a outros:

• *The best and most delicate red wines are invariably of a light colour...*
(p) *indeed a very dark colour and great delicacy are almost incompatible.*

• *There are also lighter Claret wines, which are very nice when drunk new in Portugal* (p)

• *Vegetables are plentiful* (p)

• *The melons and oranges of Coimbra are remarkably fine, and in profuse abundance*(p)

Os comentários que tece sobre a realidade portuguesa e que são formulados negativamente, surgem-nos em último lugar. Daremos aqui apenas mais alguns exemplos, para além dos que já foram apresentados acima. Assim, interessado pelas pessoas, atenta, por vezes, na sua falta de educação e gentileza:

• *...with some few exceptions, they are not highly educated.* (neg)

• *The most unenlightened set of people in Portugal are the small farmers.*
(neg)

Mas são particularmente as infra-estruturas que merecem a sua avaliação negativa:

• *The streets are narrow, crooked, ill-paved.* (neg)

• *...in general the dwellings are small and dilapidated.* (neg)

Muito sensível à qualidade das estradas, as suas críticas são pesadas; no entanto, revela alguma compreensão e aponta também algumas exceções:

• *Indeed, the Douro roads are execrable.* (neg) *The truth is, they were most unscientifically cut*

• *The difficulties in making a common road are great, and those in forming a rail-road are infinitely greater* (neg)

• *Villa Real is comparatively a new city, and the streets are therefore rather broader than is usual in Portugal*(p)

Relativamente à nossa categorização em enunciados neutros, positivos e negativos, podemos então afirmar que a codificação relacional da realidade analisada por parte do autor de *Sketches* – e analisada, como referimos, com um olhar particularizado e humanizado – é, fundamentalmente positiva, relativamente a todas as categorias – **pessoas, aspectos culturais e institucionais, animais e natureza**. Se aos comentários positivos, acrescentarmos os que considerámos de natureza neutra, descritiva e que aparecem em segundo lugar, inferimos que o autor de *Sketches*, por

meio do uso de processos relacionais, procura demonstrar e explicitar para os seus leitores uma atribuição e uma identificação favoráveis do que lhe é dado ver nas suas andanças por terras portuguesas, nos seus contactos com as gentes, as qualidades dessas gentes e os lugares por onde passa.

Continuaremos em seguida a ilustração com exemplos do texto *Tourist*.

Tourist

Em *Tourist* a distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas é a que apresentamos no Quadro 3:

	<i>ATRIBUTIVOS</i>	<i>IDENTIFICATIVOS</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Pessoas</i>	28	4	32
neutros	8	3	
positivos	10	0	
negativos	10	1	
<i>Asp. cult. e inst.</i>	24	7	31
neutros	3	6	
positivos	14	0	
negativos	7	1	
<i>Animais</i>	3	2	5
neutros	0	0	
positivos	0	1	
negativos	3	1	
<i>Natureza</i>	8	0	8
neutros	1		
positivos	4		
negativos	3		
TOTAIS	62	14	76

Quadro 3: Distribuição em *Tourist* dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas.

Como nos outros textos, em *Tourist* o total de atributivos ultrapassa em muito o total dos identificativos. No entanto, quando consideramos os números encontrados, não deixa de nos provocar alguma surpresa a

relativa pouca utilização de processos relacionais por parte do seu autor. Tratando-se do segundo texto do *corpus*, no que respeita o número de palavras, não é, contudo, o segundo em se tratando de totais de processos; de facto, *Overland* (cf. Quadro 4) apresenta mais exemplos e *Narrative*, o texto mais curto do *corpus*, quase o iguala (cf. Quadro 5). Para além de anotar esta particularidade, continuemos, analisando agora, os setenta e seis processos relacionais.

Na categoria **aspectos culturais e institucionais**, e incluídos na subcategoria monumentos, aparecem referências a igrejas, mosteiros e túmulos, bem como a ornamentos, jóias, artigos de mobiliário e estátua. Para ilustrar a primeira subcategoria, seleccionámos o seguinte excerto, onde, numa óbvia crítica à actuação das tropas francesas durante as invasões, o autor afirma:

• *...but still the monuments are very much degraded, and the marble effigies have been shamefully mutilated by the French* (neg)

São também feitas referências a diferentes cerimónias, como cerimónias fúnebres, cerimónias comemorativas de aniversários ou outras relacionadas com o exército, bem como ainda costumes, que incluímos nas subcategorias acontecimentos e usos.

• *As the anniversaries are many, the offerings are princely.* (p)

• *...the ceremonies observed on the occasion of the death of his father are curious* (p)

Incluímos na subcategoria objectos, utensílios do quotidiano como a roca, o tear, os cascos usados na produção do vinho ou as chaves de um mosteiro, ou ainda utensílios de cozinha. Na subcategoria textos, encontramos referências a documentos vários, a notas musicais e a desenhos; ocorrem também referências a produtos – e exportações dos mesmos – como o vinho, a cortiça e a fruta. Acerca deste último pormenor, declara-se, por exemplo:

• *Pears are good for nothing* (neg)

• *Apples and plums are very inferior in flavour to ours* (neg)

• *...but melons are every where fine and cheap as are the grapes* (p)

Reparamos, deste modo, como o autor de *Tourist* tem um olhar atento para certos objectos usados no dia-a-dia e como se apraz em descrevê-los, ou, pelo menos, em enumerá-los. Fala de vários pormenores da decoração dos diversos monumentos que visita, de inúmeras peculia-

ridades envolvidas na feitura do vinho, das diferentes espécies de uvas, escreve até sobre os próprios objectos que devem acompanhar um viajante precavido:

• *Cooking utensils, which unless a man desires to be poisoned by the atrocities of Portuguese cooks, are indispensable.* (neg)

Na categoria **pessoas**, encontramos Portadores que incluímos nas subcategorias classes sociais e profissões e ocupações, como os que referem fidalgos e camponeses, frades mendicantes, vendedoras de fruta, partidos e, no quadro da guerra civil, sobretudo, os soldados, mas também os que já não fazem parte do exército:

• *The portuguese soldiers ...are patient under difficulties and hardships and are distinguished for sobriety above the troops of every other nation, excepting the Spaniards.* (p)

• *...they are worthy of contending in the same ranks with British troops in this interesting cause* (p)

Incluídos na subcategoria qualidades e características, também surgem Portadores que mencionam vários aspectos associados à guerra civil, como horrores e atrocidades, destruições ou, por exemplo, vícios dos soldados:

• *On the other hand, he (Duke of Chatelet) stigmatizes them (os soldados portugueses) as lazy, dirty, and insubordinate; vices, for such they are, which would speedily disappear under the discipline of able commanders, an advantage which they seem rarely to have enjoyed until they were officered by the British* (neg)

Finalmente, um comentário aos processos incluídos nas categorias **natureza** e **animais**; em relação à primeira contámos apenas uma oração atributiva em que o Portador é o sintagma '*mountains and barren rocks*'; na segunda encontramos Portadores referentes a peixes, porcos, formigas e pulgas; acerca destes três últimos animais escreve o autor:

• *The pigs of the country...are small in size, and in colour generally black or blue.* (n)

• *...the black ants, which are very numerous, and bite like furies...* (neg)

• *A friend of ours, whose fate was once to pass a night in the town of Wexford, assures us that the fleas are so large that one can hear them bark; those of Batalha, however, needed no such accomplishment to prevent us from*

closing our eyes. (neg)

Os processos relacionais identificativos em *Tourist* são apenas treze, encontrando-se a maioria deles agrupada em **aspectos culturais e institucionais**.

Vejamos dois exemplos destes processos identificativos em *Tourist*:

- *The Portuguese, who work in the store, are the most abstemious creatures living* (p)

- *Of our own knowledge we may add, that the sole permanent inhabitants of this magnificent pile* (referindo-se à capela do Fundador na Batalha) *are rats and fleas.* (neg)

Quanto ao que diz respeito à avaliação que os processos em análise permitem apreender, (cf. Quadro 1 e Gráfico 5), e considerando os números, vinte e um neutros, vinte e nove positivos e vinte e seis negativos, parece à primeira vista que a posição deste autor é bastante equilibrada; elogia os soldados, mas lamenta o seu estado de abandono, bem assim como o dos frades mendicantes e o de certas igrejas:

- *the greater part of them* (os soldados) *are absolutely in rags and patches* (neg)

- *...mendicant friars...are very poor* (neg)

- *...some churches...are all in a state of decay* (neg)

Aprecia o vestuário das gentes do norte, aponta os principais produtos, menciona o baixo salário dos pedreiros, mas é particularmente duro para com os trabalhadores:

- *...the peasantry of that part of the country are better dressed than any we saw in Portugal* (p)

- *The principal manufactures of Portugal sold here are gold necklaces, crosses and ear-pendants* (n)

- *The wages of a mason are but ten pence a day; but the workmen are so inconceivably low in the execution of their task.* (neg)

Passemos agora à apresentação dos resultados encontrados em *Overland*.

Overland

Em *Overland*, a distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas é a que apresentamos no Quadro 4:

	<i>ATRIBUTIVOS</i>	<i>IDENTIFICATIVOS</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Pessoas</i>	79	13	92
neutros	11	4	
positivos	38	6	
negativos	30	3	
<i>Asp. cult. e inst.</i>	42	22	64
neutros	15	12	
positivos	21	7	
negativos	6	3	
<i>Animais</i>	2	1	3
neutros	0	0	
positivos	2	0	
negativos	0	1	
<i>Natureza</i>	7	1	8
neutros	2	1	
positivos	3	0	
negativos	2	0	
TOTAIS	130	37	167

Quadro 4: Distribuição em *Overland* dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas.

A seguir a *Sketches*, *Overland* é a obra em que encontramos o maior número de processos relacionais no *corpus*, embora contenha apenas 17,96% do total das palavras. Por outro lado, se a diferença entre os totais de atributivos em *Sketches*, e os totais de atributivos em *Overland* é bastante significativa, ou seja, trezentos e sessenta e um no primeiro, cento e trinta no segundo, os números encontrados no caso dos processos identificativos são muito próximos, respectivamente, trinta e seis e trinta e sete; este pormenor torna-se ainda mais marcante, quando consideramos o facto de *Sketches* constituir 54,56% do *corpus*. Este número de processos identificativos aponta assim para um olhar menos carregado de subjectividade, sendo o autor de *Overland* o mais concreto nas descrições feitas.

Neste texto, encontramos, portanto, setenta e nove processos relacionais atributivos, cujo elemento Portador se encontra na categoria **pessoas**.

Na subcategoria nacionalidades, de que apresentamos as seguintes frases ilustrativas, foram incluídas várias referências aos portugueses, às populações metropolitanas e também a galegos e espanhóis:

• *Both nations (Portugal e Espanha) are equally proud. The Portuguese are more polite, but they are also, I think, less to be depended on.* (p)

• *The inhabitants of the northern provinces are brave and hardy highlanders. They are without exception a fine race of men.* (p)

Em profissões e ocupações e classes sociais surgem frases em que os Portadores são elementos que referem parlamentares, nobres, ministros, padres, capinhas, fazendeiros, boleiros e catraeiros, como nos exemplos a seguir:

• *The catraeiros are for the most part bold and hardy men.* (p)

• *The banderilheiros, or foot-combatants with harpoons, called here capinhas, are little inferior to those of Spain.* (p)

• *...and the boleiros who drive them are extraordinary animals in huge jack-boots and huge spurs.* (p)

Vejam os ainda alguns exemplos desses processos em afirmações que se centram à volta da vida política:

• *...the nobles who figure now in Lisbon are nearly all Constitutionalists* (n)

• *...the fidalgos, or noble class, are scarcely worthy to be at the head of the nation, but Lord Byron has greatly exaggerated their defects; they are extremely affable, inclusive, and popular in their manner; and their birth is for the most part superior to that of the Spanish noble.* (p)

• *In Spain and in Portugal resident ministers are not only unnecessary but an incumbrance.* (neg)

• *...no one in Portugal knows or cares for politics; the few who can read are doggedly averse to the exercise of that faculty.* (neg)

Nas referências aos camponeses e aos soldados, o tom, porém, é muito diferente daquele que perpassa por algumas das frases acima, chegando mesmo ao elogio rasgado, como podemos depreender das seguintes:

• *The Portuguese soldiers are superior in appearance to both French and Spanish* (p)

• *The Portuguese lavradores (farmers) and peasants of the better class are for the most part fine-looking men, and brave...* (p)

• *Those peasants however are strong and sturdy figures* (p)

Em qualidades e características encontram-se detalhes do carácter dos estadistas, as qualidades militares, os sucessos, o estilo, o modo de tratar as pessoas:

• *His military talents (Visconde de Setubal) are beyond dispute...* (p)

• *...his decisions are always the result of honest conviction.* (p)

Nesta subcategoria foram também incluídas uma série de referências a pormenores relacionados com o aspecto físico de pessoas que o autor pretendeu assim descrever e comentar; repara então no aspecto do rei, nos ombros dos padres, nos bigodes, nos olhos e no cabelo, e até no tom da pele dos espanhóis:

• *The king shows more beard, and his face and aspect are altogether much more manly.* (p)

• *His hair, moustache, and whiskers, which he wears rather full, are as white as snow.* (n)

• *To make this game of torpitude, Priests, whose shoulders are exempt from the visitation of horsewhips, are frequently the electors.* (p)

• *The Spaniards have even a proverb... "as brown as a Portuguese," which is merely founded in prejudice, for Spanish skins are quite as dark.* (n)

Na subcategoria mulheres incluímos exemplos como

• *Women are not consummate politicians* (neg)

A categoria **pessoas** em relação aos processos identificativos, como vemos no Quadro 4 acima, é representada por treze exemplos; na subcategoria profissões e ocupações, encontramos gerais, escritores e directores de companhia.

• *Of the Queen's Generals... The two others of any eminence are Schwalbach and Casal.* (p)

• *...the only living writers of Portugal that can pretend to any literary distinction are Alexandre Herculano, whose efforts as an historian are far superior to his attempts as a novelist, the elder Castilho, who has latterly produced nothing, and another very conspicuous writer...* (p)

Na subcategoria qualidades e características, encontramos algumas qualidades atribuídas aos portugueses, como em:

• *Their loyalty and their national pride are almost the only virtues which they retain.* (p)

• *The qualities which most endear them are their unfailing politeness.* (p)

Na categoria **aspectos culturais e institucionais** encontramos sessenta e quatro Portadores e Identificados, sendo este número o maior, a seguir ao encontrado em **pessoas**.

No que diz respeito aos processos relacionais atributivos, estão contempladas subcategorias como monumentos, com pormenores respeitantes a propriedades, quintas e prédios, claustros, pilastras ou bastiões, objectos, com várias descrições acerca da estatuária e do mobiliário, mas também sobre o vestuário ou certos veículos. Vejamos alguns exemplos:

• *These buildings* (o palácio do Marquês de Pombal e o da Duquesa de Bragança, ambos perto de Lisboa) *are chiefly noticeable for their great size.* (p)

• *The rich stone-work, however, in the balustrades and finials, and the clustering niche-work and statuary in the portal are beyond praise.* (p)

• *The quintas and orchards about this town are of enchanting beauty...* (p)

• *His leggings are a foxy brown, and rounded most inesthetically at the points,...* (neg)

• *...these seges are a good deal in requisition.* (p)

Ocorrem ainda como Portadores, a ilustrar a subcategoria insti-tuições e lugares, as colónias, os subúrbios de Lisboa e as suas ruas:

• *Both this (the state of Portuguese India) and the African colonies are in the most wretched state of prostration.* (neg)

• *The streets are remarkably quiet, and assassinations and robberies few in number* (p)

Em acontecimentos incluímos as referências a revoltas populares e escaramuças entre os partidos portugueses, mas também a bailes, *parties* e outros divertimentos como, por exemplo, as touradas à portuguesa. Destas, o autor parece sentir-se mais adepto do que das ocorridas em Espanha, pois afirma, a propósito:

• *...the Portuguese bullfights are exempt from the excessive atrocities of a Spanish one.* (p)

Na subcategoria textos, é de notar, para além das referências a alguns escritos, as curiosas afirmações sobre a língua portuguesa, que o

autor declara conhecer na perfeição; em particular, aparecem na função de Portador algumas das suas peculiaridades sonoras ou lexicais:

- *The Portuguese is a very fine language, notwithstanding the defect of its nasal sounds, which in the mouths of cultivated people are not nearly so disagreeable as in those of the vulgar.* (p)

- *...and its defective nasal sounds, the aos, aens, oens, and ems in the mouth of a polite speaker are scarcely more disagreeable than the Spanish guttural sounds.* (p)

- *Alfandega, "Custom-house;" Chafariz, "fountain;" and par grosso e miudo, "wholesale and retail;" ...are quite as good words as their equivalents in the Spanish or any other language.* (p)

- *Some of these words are commonly alleged to be derived from the Spanish; but, as the Portuguese navy had precedence of that of Spain, and as the words are chiefly sea-faring terms, their Portuguese origin is indisputable.* (n)

Foram ainda encontradas nesta categoria **aspectos culturais e institucionais** considerações sobre aspectos da organização administrativa e financeira, de cariz informativo, como despesas e várias indicações sobre dinheiro:

- *The expenses of the Ministry of the kingdom (internal administration) are 1043 contos, 24,675 L.; comprising, Council of State 14 contos; Civil Governors 70 ditto; Public Instruction 243 ditto; Scientific and Literary Establishments 18 contos...* (n)

- *The annual expenses of the Chamber of Peers are 13 contos ...* (n)

- *The silver coins are the half-testoon (meiotostao), 50 reis, 2,5d.; the 3-vintem piece, 60 reis, 3,25d.; the testoon (tostão), 100 reis, 5,5d.,...* (n)

Os processos identificativos, na categoria **aspectos culturais e institucionais**, são apenas vinte e dois. Encontramos elementos da subcategoria produtos em exemplos como:

- *The best varieties of the red wine are Colláres, from the village of that name near Cintra, and Lavradio, from a district so called opposite Lisbon.* (n)

- *The chief productions are corn, wine, oranges, lemons and cork.* (n)

Também surgem exemplos da subcategoria lugares, quando o autor descreve locais específicos, em particular os relacionados com a vida social como teatros, galerias de exposição de quadros, mas também certas cidades:

- ...Theatres and a few public Balls are the only places of real reunion. (p)
- ...the only picture-galleries of merit are those of the duque of Palmella.

(p)

• The only other towns of importance not included in this route, are Portalegre and Beja. (p)

• The one or two houses at the place called "A Senhora Dourada" are the only thing in the shape of a town on the straight line from Elvas to Estremoz. (p)

Em objectos encontramos descrições de utensílios específicos como em:

• ...the noras in question are precisely the old aboriginal creaking draw-well worked by oxen... (n)

• ...hand-bells and whistles are here the universal substitute. (n)

Nas categorias **animais** e **natureza**, em ambos os tipos de processos relacionais, ocorrem referências aos castanheiros no Alentejo e Algarve, a rios, aos cães e a serras como em:

• In the southern part of Alemtejo and in Algarve the forests are of cork ... Some of these oaks are very fine... (p)

• ... the multitude of scattered rocks and stones, but these are the mere débris of that Peninsular mountain-formation.. (n)

Considerando agora os resultados da análise sob o ponto de vista da categorização avaliativa, podemos dizer desde já que, em geral, os portugueses são construídos relacionalmente como um povo leal, orgulhoso e com alguma educação, como atestam exemplos acima apresentados; no entanto, o autor revela-se também irritado com outras características:

• The Portuguese are idle, unenterprising, procrastinating: amanhã! (neg)

O autor parece ser sensível à tradicional oposição entre o norte, empreendedor, civilizado, e o sul, lento e preguiçoso, não só na apreciação que faz do país visitado, em contraste implícito com o seu, como no próprio terreno, em Portugal:

• The country people about Lisbon (Saloios), and in the remoter districts of the south, are little inferior to the northern races, as if they are fierce and sometimes brutal, as is undeniable, it is because civilization as yet has scarcely reached them. (neg)

• In the southern districts, they are more treacherous and revengeful (neg)

Valorizados positivamente são também certas personalidades e certas classes sociais e profissões acima referidas (soldados, lavradores e camponeses); mas as gentes de Lisboa e a própria cidade merecem elogios especiais:

- *The Lisbon people are a much quieter race than is commonly supposed—indeed they are one of the very quietest metropolitan populations in Europe.* (p)

- *The Lisbon tradesmen are for the most part honest, independent, and above cheating.* (p)

- *The suburbs of Lisbon are magnificent.* (p)

- *The streets of Lisbon by day are picturesque in many parts...* (p)

Apesar destas construções positivas, o autor não deixa de manifestar certa crítica:

- *The Lisbon lies are the fattest in Europe* (neg)

- *The wild dogs are still to a considerable extent the scavengers of Lisbon.* (neg)

As suas mais pesadas observações centram-se, porém, na vida política, onde a sua desilusão parece ser total: os eleitores, uns ignorantes, os ministros, políticos, parlamentares, todos uns inúteis, indignos de governar a nação:

- *The vast bulk of the electors are brutally ignorant of the real hearings of politics, parties, and questions relating to the national interest. They are likewise brutally supine and brutally servile.* (neg)

- *as these qualities (boas qualidades) are rare amongst existing statesmen.* (neg)

- *So unscrupulous are these sham Parliamentarians.* (neg)

- *...all ministers are as a matter of fact "robbers".* (neg)

Vamos agora passar à análise de *Narrative* o mais curto dos textos do nosso corpus.

Narrative

Em *Narrative*, a distribuição dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas é a que apresentamos no Quadro 5:

	<i>ATRIBUTIVOS</i>	<i>IDENTIFICATIVOS</i>	<i>TOTAL</i>
<i>Pessoas</i>	16	1	17
neutros	6	1	
positivos	7	0	
negativos	3	0	
<i>Asp. cult. e inst.</i>	33	1	34
neutros	18	1	
positivos	10	0	
negativos	5	0	
<i>Animais</i>	7	2	9
neutros	0	0	
positivos	5	2	
negativos	2	0	
<i>Natureza</i>	8	2	10
neutros	2	1	
positivos	6	1	
negativos	0	0	
TOTAIS	64	6	70

Quadro 5: Distribuição em *Narrative* dos processos relacionais atributivos e identificativos, tendo em conta as categorias e avaliações propostas.

Conforme à tendência global do corpus, *Narrative* inscreve o maior número de processos relacionais na categoria **aspectos culturais e institucionais**. Em geral, o Portador faz referência a muralhas, pedestais, capiteis, portões, pavimento, arcos, palácios, incluídos em monumentos, a infra-estruturas – ruas, hospitais – objectos, como barcos, quadros e esculturas ou produtos como tabaco e sabão. Vejamos alguns exemplos:

• *The workmanship of the church attached is extraordinary; the external walls are a perfect fret-work of ornament* (p)

• *...the architecture, preserved in the doors and windows, is gothic, but the sculpture and ornament are unique* (p)

• *We bade adieu to Cintra and turned our faces towards Mafra. The roads are so unfit for carriages that we are obliged to ride.* (neg)

• *Tobacco and soap are royal monopolies* (neg)

No que diz respeito à categoria **peessoas**, encontramos apenas dezasseis Portadores e um Identificado. Entretanto, convém recordar que, neste relato de viagem, e dada a sua especificidade, patente no próprio título, as referências a portugueses são com frequência referências a um conjunto particular de portugueses, ou seja, os madeirenses, como o excerto seguinte ilustra:

• *The Madeiranese, both men and women, are a fine race, much more so than those of the mother country.* (p)

Por curiosidade, repare-se que também se mencionam galegos (*water-carriers, remarkable for their honesty*), ingleses residentes na Madeira (*the wine merchants, the principal proprietors of Funchal*) e chineses; estes últimos devido à sua perfeição na produção de chá, produto de que existem plantações na Madeira, como é sabido.

Comenta-se ainda, em relação aos doentes e inválidos, quanto o bom clima da Madeira lhes é favorável. Referem-se também padres, poderosos e mulheres, em concreto as mulheres de Lisboa:

• *The women do not dress so neatly as those in Coruna and are but little better looking.* (p)

Consideremos ainda outros elementos com função de Portadores. Na categoria **natureza** faz-se referência a sebes, plantas, margens dos rios, árvores e até mesmo ao orvalho:

• *so light are the dews falling in the town...* (p)

• *The plants were then looking exceedingly healthy, and in the most luxuriant state of vegetation, the greater number being in blossom; they are now twelve years old. The original plants are small.* (n)

Na categoria **animais**, o Portador refere cavalos, borboletas e cães. São sobretudo os cães de Lisboa que atraem a atenção do viajante, como se vê pelo seguinte exemplo de um processo relacional atributivo:

• *The dogs of Lisbon are nothing in number now to what they were some years ago, when it was absolutely dangerous to open the doors once the dog-howl began. (...) though greatly diminished, they are still very numerous.* (neg)

Os processos relacionais identificativos são em muito pequeno número no texto *Narrative*, apenas seis, no total. Na categoria **peessoas** encontramos uma referência aos ingleses, comerciantes de vinhos e principais proprietários do Funchal, na categoria **aspectos culturais e institucionais** a referência a aquedutos e torres, na categoria **animais** a

referência a cavalos e peixes e, na categoria **natureza**, a referência ao clima da Madeira e aos seus precipícios. São exemplos:

• *The only objects in the landscape are the water-towers, and numerous small aqueducts running towards the valley of Alcantara* (n)

• *The steepness of the roads precludes the possibility of wheel-carriages being used, so that the horses are the principal means of conveyance. Those are excellent.* (p)

• *...dories and mullet are the favourites* (p)

• *...enormous perpendicular precipices, some of which are the principal heights of Madeira* (p)

Consideremos agora a avaliação que os processos relacionais transmitem em *Narrative*.

Regra geral, neste texto, as simpatias vão para a Madeira, as suas gentes, o seu clima, excelente para certas doenças pulmonares:

• *...the poorer people...stout, healthy, hardy race they are, capable of enduring the greatest fatigue.* (p)

• *A dry, warm climate, with a healthy and equable state of the atmosphere, are, no doubt, the most powerful remedial agents.* (p)

Quanto a Portugal continental, as suas pessoas, os seus habitantes, as suas infra-estruturas a apreciação não é tão favorável. É apontada a situação deplorável da aristocracia e são criticadas as estradas:

• *...as the Portuguese aristocracy are either beggars or exiles; and the few who do not come under this description decline society from disgust at the unceremonious deprivation of the power and honors they had so long exclusively enjoyed.* (neg)

• *...roads, paved with enormous blocks of limestone, are execrable.* (neg)

Em especial Lisboa parece conciliar uma opinião francamente negativa, com o autor revoltado contra aspectos anti-higiénicos relacionados especificamente com os cães que vagueiam e morrem pelas ruas da cidade, como vimos num exemplo acima que repetimos e a manifestar-se até contra a própria brancura dos prédios da capital:

• *The intense glare and dazzling brightness reflected from the white houses of Lisbon are exceedingly annoying to the sight, and apt to produce head ache.* (neg)

• *The dogs of Lisbon are nothing in number now to what they were some years ago, when it was absolutely dangerous to open the doors once the dog-*

-hawl began. (...) dying in the streets, at every turn, are quite disgusting, and enough to cause a pestilence. (...) though greatly diminished, they are still very numerous. (neg)

Um aspecto relevante surge da comparação entre este texto e *Sketches*. Como referimos, era evidente a atenção particularizada e humanizada que encontramos no viajante autor de *Sketches* e mesmo a sua preocupação em transmitir essa visão aos seus potenciais leitores ingleses, corrigindo de caminho opiniões a seu ver distorcidas que outros teriam transmitido. Não deparamos com isso no autor de *Narrative* através de cujo olhar perpassa um país atrasado culturalmente e com aspectos civilizacionais indesejáveis e negativos quando comparados aos padrões ingleses. O Outro é aliás, como ilustrámos, sempre visto em *Narrative* por comparação ao Eu, sendo o Outro considerado o inferior.

Comentários finais

Como vemos pelos resultados da análise apresentados, pelos exemplos citados e pelos comentários que ao longo da análise fomos tecendo, a visão que por meio de processos relacionais os viajantes estudados dão do país, das suas gentes, costumes e instituições surge aparentemente como positiva. E dizemos aparentemente porque os aspectos sobre os quais incidem as avaliações negativas dos viajantes são de extrema importância sobretudo para uma caracterização das qualidades das pessoas que habitam o país visitado. É, por isso, nesse sentido, que nos parece pertinente afirmar que a construção transitiva relacional da realidade portuguesa – física e, sobretudo, humana – pelos viajantes ingleses em Portugal não nos dá do país uma imagem passível de, no mínimo, estimular a nossa auto-estima. A imagem que nos devolvem estes exemplos e estes textos é a de um país atrasado, inculto, degradado, muito longe dos padrões que caracterizam o país e as gentes de origem dos viajantes. É verdade que o atraso de Portugal era real, há século e meio atrás, e essa situação era mesmo denunciada pela elite intelectual portuguesa da altura. Mas a atitude do viajante perante o que vê e a comparação, muitas vezes directa – como vimos em alguns dos exemplos – que faz com o seu próprio país indiciam sempre uma atitude não de mera constatação das diferenças, mas de indiscutível sentimento

de superioridade em que o Outro (Portugal, os portugueses, a realidade portuguesa) é visto como inferior e no melhor dos casos como pitoresco, palavra, aliás, que ocorre nas ocorrências que analisámos e que em si mesma contem conotação negativa.

Julgamos possível afirmar que os objectivos que conduziram esta fase do desenvolvimento do projecto mais vasto que temos entre mãos foram atingidos, através da escolha teórica e metodológica que fizemos e da análise e interpretação que, a partir desse quadro teórico e dessa metodologia, foi possível efectuar. De facto, o nosso objectivo geral é o de contribuir para a compreensão dos processos pelos quais determinada codificação linguística permite contextualizar cultural e socialmente os significados textuais produzidos. A escolha da transitividade, como expressão mesma do real interior e exterior, a nível léxico-gramatical, e dentro dela, em concreto, os processos relacionais atributivos e identificativos, mostra-se, como julgamos ter evidenciado, elemento privilegiado de análise, no universo textual que constitui o nosso *corpus*, para o entendimento do posicionamento dos viajantes ingleses relativamente ao país que visitavam e às realidades diversas que aí encontravam e que caracterizavam, nomeadamente, como no caso da análise que aqui apresentamos, mediante atribuições e identificações.

O estudo que aqui apresentamos desenha de forma clara o perfil de um viajante que expressa as suas opiniões com óbvia consciência subjectiva, a partir da qual devolve aos seus potenciais leitores – certamente ingleses como ele e, portanto, como ele habitantes de um país incomparavelmente superior em termos de grau de desenvolvimento e progresso – uma imagem bastante negativa do país visitado. Esta asserção é válida para todos os textos, tendo em conta os resultados que encontrámos na análise dos processos relacionais, havendo, no entanto, variações que, pensamos, ficaram patentes nos dados, nos exemplos e nas nossas interpretações.

Referências

- Halliday, M.A.K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*, 2nd Ed., London, Edward Arnold.
- Martin, J.R., Matthiessen, C. e Painter, C. (1997): *Working With Functional Grammar*, London, Arnold.
- Thompson, G. (1996): *Introducing Functional Grammar*, London, Arnold.

**Experiential and logical information
obtained from three functional units
in the nominal group**

VICKY HARTNACK

Experiential and logical information obtained from three functional units in the nominal group

ABSTRACT: O objectivo deste ensaio é demonstrar que certos padrões emergentes nos grupos nominais se tornam evidentes devido às suas funções no sintagma. Pretende-se saber, através de uma análise sistémica-funcional, se a apresentação de informações sobre os portugueses e o país se reveste de imparcialidade, embora sempre do um ponto de vista inglês, ou se algo mais vai emergindo que descreve não tanto os portugueses, mas antes a mentalidade dos autores britânicos. A função das palavras, *Portuguese*, *they* e *Portugal* será analisada em conformidade com a tipologia e frequência com que ocorrem no grupo nominal, procurando confirmar, em termos dos padrões da sua funcionalidade, se é dada preferência a qualquer tema e se tal referência projecta atitudes positivas, negativas ou neutras da parte dos autores.

Introduction

The best way I can introduce my study on *Representations of Portugal in the the 1840s through the eyes of English Travellers* is by quoting J.R. Martin (1992:96) who says, "The systemic-functional model treats grammar as a meaning-making resource. Consequently, case relations are handled at the level of lexicogrammar and mapped onto interpersonal and textual structures at that level". Because we use language to talk about our experience of the world, to interact with others and to organize our messages to fit in with the wider context around them (Thompson:28), we also need to have a notion of the cohesive frameworks containing language. When describing the place of cohesion by looking at the functional components of the semantic system, Halliday and Hasan

(1976) rank clauses, verb groups, nominal groups and adverbial groups so as to shed light on the ideational and the experiential components of meaning. Language, they say is “about something”. Malinowski would say that this something is “the context of culture” (Halliday & Hasan, 1976:29).

The logical component¹ of language expresses abstract, logical relations which are derived only indirectly from experience. Indeed, this affirmation later finds echo in M.A.K. Halliday (1994:106) in his chapter on the “Clause as Representation”. Halliday explains that representation patterns of experience may be obtained at the level of clauses where mental pictures of reality are built in order to make sense of what goes on around us and to understand what goes on inside us.

The representation patterns I shall be looking at in this paper are the nominal groups. To answer the question, “what are nominal groups?” we may briefly return to Halliday (1994:179), for a simple definition according to traditional grammar descriptions. In classifying the nominal group as a word class, apart from the substantive noun itself, there may also be a determiner, a numeral, an adjective, etc. in the nominal group. The substantive noun is generally taken to be sub-divided into the traditionally known *common nouns* – designating or specifying classes of “things”, *proper nouns* which, although accepting descriptive modification in rare cases (e.g. “the enlightened D. Pedro”, or “the very catholic D. Maria II”), are not generally susceptible to further specification, and *pronouns* – both personal (we, he, them, etc.) and indefinite (e.g. someone, none, nobody, etc.). The nominal group is characterized by epithesis in the experiential subgroup of the ideational functional component of the semantic system, whereas it is attitudinal when considered in its interpersonal function. While in the latter case, the speaker’s role may be seen as that of an intruder, taking stock of a situation from his – the speaker’s – own particular angle, in the experiential and logical sub-divisions of the ideational component, the speaker’s role is that of an observer, where he uses language to talk about something, giving representations of experience

¹ The logical component is where language acts as the expression of certain very general logical relations. A group, such as pre- or post-modification of the Head or Thing, is built on a particular logical relation below the level of the clause (cf. Halliday, 1994:179).

or the logical relations indirectly derived from experience.

The nominal groups I shall be analysing in their several representational patterns are based on three words (**Portugal**, **Portuguese** and **they**) where identifying and classifying their attributes may lead to more information about the interpretations the speakers/ authors have about them. Furthermore, they may tell us what existential place they occupy in relation to each other anaphorically where cohesion within the text is created in the same measure that references in the relationships are revealed. Finally, they may indicate in what ways exophoric references are effected and how reference to the participants are linked up to the world outside the text, more particularly, the worlds of the English and the Portuguese during the first half of the nineteenth century.

My aims

Basing my study on the corpus (see the Introduction to this volume), I wish to understand how English travellers to Portugal in the late 1830s and the 1840s interpreted, related to and represented Portugal and the Portuguese of the time. In the text *The Tourist in Portugal*, Harrison writes, "unacquainted with the manners of the country, and not always successful in making ourselves understood by the natives, our first care was to engage a servant who would supply our deficiencies". The intriguing question is, therefore, if at least one of the authors had the candour to admit these shortcomings, what sort of picture was painted of the Portuguese in Portugal? How do the Portuguese and Portugal itself as a nation fare under the scrutiny of the English?

I hope to demonstrate in the nominal groups I have singled out, that, according to their functions in the clause, certain patterns emerge whereby it is possible to learn more about the opinions and attitudes the English travellers form about their Portuguese hosts and what they think of the Portugal they are touring at a certain (agitated) period of its history. Such patterns may be able to reveal not only facts about Portugal and the Portuguese from an English point of view (all the authors are well-established professional men from the Victorian middle class). They may also allow us to see beyond their stated attitudes and judgements about others because in the act of expressing them, they also reveal a lot more about themselves as Englishmen: representatives of Britain and its

dominating ideology and culture; men living during the consolidation of the Industrial Revolution in England; men who are convinced of the righteousness of their and their country's path. The main focus, therefore, is to discover whether a systemic-functional analysis of the logical/experiential² structure of nominal groups will uphold ideas that emerge from the text in an exophoric sense.

My method of analysis

It should be mentioned that I deliberately restricted my choice of substantives to include only the two proper nouns, *Portugal* and *the Portuguese*, and the pronoun, *they*. The terms *Lusitanian*, *Lusitanians* and *Lusitania* were not considered for analysis³ as none of them referred to the contemporary Portuguese or the Portugal of the 1820-40s. Only the poetic and historical connotations emerged to underline tradition and the sense of historical nationhood. Likewise, the terms *National*, *Native(s)*, *Southern*, *Iberian(s)*, *Peninsula*, and *Home* were disregarded for four main reasons: 1) they were in so insignificant a number as not to make any meaningful contribution to the general interpretation (as in *native(s)*); 2) they mostly referred to geographical locations in or out of Portugal (as in *national*); 3) they served as a reference to both the Portuguese and the Spanish irrespectively (*Southern*, *Iberian(s)*, and *Peninsula*); 4) *Home*, was either a nostalgic reference to England or meant the locality the travellers were residing at in Portugal, or it was meant as an epithet (e.g. "home industry").⁴

In the first part of the study presented here, I shall be guided by what J.R.Martin says, (1992:97): "the work of identifying participants in English is done mainly through the nominal group".

² The logical (see note 1) and the experiential, which involves the organisation or representation of experience, are two sub-components of the ideational component of meaning – cf. Halliday (1994:179).

³ The total entries of *Lusitanian*, *Lusitanians* and *Lusitania* in the 4 texts were 15, 2 and 14 respectively.

⁴ Total entries for *National*, *Southern*, and *Native(s)* were respectively, 42, 29 and 52. *Home* was counted 79 times while the words, *Iberian(s)* and *Peninsula* were not included in the count.

And this is what I shall be looking at, as I want to examine the exophoric references of the participants in order to appraise anaphorically, the representational relationship established through the logical and experiential processes of the three nominal groups I have chosen. "One of the relative peculiarities of English as far as identifying participants is concerned", says Martin (98), "is its definite and indefinite article system". The definite article gives us the idea that the identities of the participants are known to a certain extent in that they represent collective identities and attributes (e.g. *All Portugal*, *Some Portuguese*). The definite article indicates an identity-recoverable semantic organisation in phoric groups effected at first mention where such phoric items, as Martin suggests (99), require that the information be recovered from context. (e.g. *All Portugal* might be followed by *She* in the second sentence, or in the case of *Some Portuguese*, by *They*). However, the non-recoverable non-phoric groups which involve indefinite articles, pronouns, and other sorts of determiners (e.g. *any*) also lead to identification at second mention. I shall therefore be looking at both phoric and non-phoric groups when analysing the main types of relationships emerging in the cohesive functional components in the texts.

Halliday (1994:119) further clarifies that the nominal group belongs to a class or order of things, whether tangible or intangible. Examples from the corpus show that the three words belong to both the tangible and intangible, although the former is by far the more numerous⁵. Identity on the other hand, "narrows down the class in question to a class of one" (1994:123, 124)⁶. It may also be that one part of an identifying clause refers to the other part in a value or token grammatical

⁵ E.g. "Unless a man desire to be poisoned by Portuguese cooks" (*Tourist*) or "The Portuguese are unable to manage the intricate mechanism" (*Overland*) where a class of Portuguese worker is referred to. The few intangible references are often made into the tangible by use of metaphors: "Portuguese justice, aroused from her customary nap, shook her ears most portentously" (*Tourist*)

⁶ Identity in "a class of one" may be seen in the following examples: "**They** will never again submit to a despotic government" (*Sketches*) or "**The Portuguese** of all ranks are passionately fond of music" (*Sketches*) or "**Portugal** is, therefore, one of the most lightly-taxed communities in Europe" (*Overland*).

relationship (1994:125)⁷. One of my purposes is to see whether the choice of *Portuguese*, as a noun and as a qualifier, fits into the categories of a unit identity (a collective identity in a class of one) or a class of things – or both.

With regard to the word *Portugal*, a so-called proper noun, it will be interesting to see whether it is susceptible to further specification or not (e.g. even if in a comparative phrase such as “Portugal like a *carcase* [carcass]” (*Tourist*)), and whether it accepts descriptive modification (that is, whether *Portugal* is pre-modified by an epithet) in the same way that England is endearingly called: “merry England” or “Old England” (both in *Tourist*). It is also necessary to discover whether Portugal is merely a locality, appearing in a preposition phrase (in Portugal) or a country that “is” or “does” and occupies a nominal group as a Head.

Finally, with the word, *they* (a pronoun), the aim is to see in what ways the meaning “Portuguese people” or “people in Portugal” emerge as a single identity or as a class of people in a country⁸. Mention has to be made about the exclusion of the pronoun “she” or “it” when referring to Portugal. In first place, I found no instances of “it” and second place, the three or four references throughout the entire corpus to Portugal as “she” were not significant enough to merit opening up a new class of nominal group to analyse⁹.

One of the most serious problems that faced me was how to deal with nominal groups and pin down their logical experiential structures at clause level in such a vast corpus. One of the dilemmas that had to be dealt with about the nominal groups, was that in the English of the 1840s,

⁷ Where one part of the clause identifies another part in a grammatical relationship, the following quote may serve as an example: “An enlightened intelligent **people** like the **Portuguese**, who will tamely submit to such gross impositions, ...” (*Sketches*).

⁸ E.g. “Their loyalty and their national pride are almost the only virtues they retain” (*Overland*), and “They are generally a wretched set of beings” – i.e. disbanded monks (in *Sketches*)

⁹ Where “she” was mentioned with reference to Portugal, the name of the country either immediately preceded or followed the pronoun, e.g. “Poor Portugal! She has been for time immemorial in hot water with the popes” (*Sketches*). It may be argued that failure to refer to Portugal in this fashion, preferring to call the country by its name, is revealing enough in itself. It shows a singular lack of identification with the country – understandable in my opinion when recalling that the authors were all English and only in Portugal on a temporary basis.

the nominal groups are all too often separated from their accompanying processing verbs and residues by embedded and relative clauses as well as adjuncts, conjuncts and disjuncts. Furthermore, the samples often displayed ellipsis that relied heavily on foregoing clauses and semantic-lexical contexts¹⁰. Nevertheless, I decided to include all relevant examples simply because of the wealth of linguistic and contextual information contained in them.

In my analysis, therefore, and in order to obtain my working data, I followed a number of steps, the first being compiling an inventory of all the terms in the three nominal groups (*Portuguese*, *Portugal* and *they*). There was a total of 2,625 terms of which 542 terms or just over 20% of the total number were selected. The selection criteria are discussed below. The functions of the unit in the nominal group were determined according to the location of the terms in the clause and a numerical count was made. The results of these four steps are laid out in Table 1 in "Findings". The fifth and final step involved interpreting the data, the outcome of which is presented in the section entitled "Discussion".

From the outset and due to the broad scope covered by all these nominal groups, I was forced to organise the groups into manageable categories. This meant eliminating any reference which did not fit the substantive condition of "being a participant" in the narrow sense of the term. What I was interested in was how the travellers themselves perceived the people and the country and in what ways they interpreted the Portuguese as people belonging to the nation of Portugal. I viewed only the perceivers and the perceived as "active participants". Therefore, whenever the authors quoted anecdotes mentioning *Portugal*, *the Portuguese* or *they* that were published in accounts narrated by earlier English travellers and historians¹¹, they were not included in the study

¹⁰ The difficulty was to apply Halliday's theory demonstrated in samples consisting of straightforward nominal clauses, to the elaborate style of the narrative and descriptive prose of the early 19th century.

¹¹ Travel writers, historians and gentlemen adventurers mentioned the Corpus include names such as Murphy, Dalrymple, Borrow, Napier, Rhys, Southey, Captain Alexander, Fielding, Kinsey, Costigan, and other authors like Prince Lichnowsky and the Italian Ambassador Cappacini.

because, although the later authors identified with the spirit, context and content of these earlier quotes, the words and indeed, the original ideas, were not their own. I therefore eliminated the terms when they failed to take the role of a “participant” as clarified above, and in the following circumstances:

- When *Portuguese* referred to the language itself;
- When *Portuguese* acted as a modifier to reveal the birthplace of people, social or military organisations in historical accounts (e.g. about the founding of the nation and its subsequent wars against the Arabs, Castilians, etc.) and when describing commodities (e.g. Portuguese melons).
- When *Portugal* appeared as part of a title, (e.g. the king of Portugal); as a circumstantial country of origin to specify where people were born; as a nation mentioned in historical accounts, or as a geographical location when writing about natural phenomena.
- With the pronoun, **they**, all reference to non-Portuguese participants (e.g. to the English and other nationalities) and to animals, objects or particular situations were eliminated. Also when referring to all mankind – humanity at large; when used in direct speech (i.e. in the mouths of other than the author); when referring to characters in the particular travelling group’s itinerary in each of the texts; or when used to mean individuals within the writer-reader relationship.

Findings

Table 1 indicates the total number of entries of each of the terms and the number of terms which were selected for analysis. It must be borne in mind that the marked differences in the lengths of the texts are only partly responsible for the great disparity in data.

Table 1: Number of entries and number of analysed samples in the three nominal groups

Term	Total : all texts entr. / studied	<i>Tourist</i> entr. / studied	<i>Narrative</i> entr. / studied	<i>Sketches</i> entr. / studied	<i>Overland</i> entr. / studied
Portuguese	433 > 196	101 > 31	13 > 7	168 > 95	151 > 63
Portugal	588 > 218	130 > 40	19 > 16	248 > 77	191 > 85
They	1604 > 128	214 > 20	53 > 7	1153 > 62	184 > 39
TOTAL	2625 > 542	445 > 91	85 > 30	1569 > 234	526 > 187

As was pointed out by the editors in their opening remarks to this book, *Sketches* contains just under 200,000 words, while *Narrative* occupies a mere one tenth of its size. Both *Tourist* and *Overland* are respectively near the 70,000 and 60,000 mark. Although it is to be expected that *Sketches*, therefore, will produce many more cases of the three selected words while *Narrative* will offer very few in comparison, statistics do not necessary give evidence to support this supposition. What in fact emerges, is that *Overland* offers a prolific number of relevant examples although it is only one third of the size of *Sketches*. Furthermore, it does not hold that the number of cases demonstrating the relevant terms is proportional to the overall size of each text. In other words, one text may offer a high proportion of a certain kind of nominal group in relation to another, as we may see in the table below with regard to the word *Portugal* (85 in *Overland*, as against 77 in *Sketches*).

The overall findings about the various types of functions in the nominal groups are given below in Table 2. By using M.A.K. Halliday's logical/experiential structures of the components of nominal groups (cf. Chapter 6, pp. 180-196), all four texts were scanned for the following categories containing each of the terms:

1. Heads or Things¹² (as nouns) in the group, including ranked groups.
2. Pre-modifier of the Thing (in epithets, classifiers);
3. Post-modifier of the Thing. Here there are two sub-groups, one which I shall call "normal" because it involves an adverbial usually denoting possession (e.g. *of the Portuguese*), or acts as a classifier or attribute (e.g. *in Portugal, throughout Portugal, etc.*). The second kind of post-modification occurs in four kinds of rank-shifted groups: relatives, comparatives, embedded, adverbial clauses or phrases¹³.

¹² MAK Halliday 1994:194-196) raises the question of the differentiation between the Head and the Thing particularly where attributes are concerned but I am not concerned with this phenomenon here. I shall use the term "Thing" from now on.

¹³ Cf. M.A.K. Halliday, (1994:187-189) where he explains that rank-shifted phrases or clauses are not on the same level as the nominal group constituents which are ranked. Rank-shifted phrases may be embedded, often occurring in relative clauses, in prepositional phrases and verb-like (finite) phrases.

In order to demonstrate the procedure I followed when analysing *Portuguese*, *Portugal* and *they* in the nominal group, consider the following examples.

(1) «Thing» as a subject, as a complement, as an adverbial group, a qualifying phrase and in ranked and rank-shifted clauses:

(a) *The Portuguese* give the very poetical name of anjinhos, little angles, to
 ↓ ↓
 Deictic Thing
 young children when they die;

(b) *The artizans are Portuguese*
 ↓
 Thing

(c) *A new era has certainly commenced in Portugal*
 ↓
 Thing
 Prepositional phrase

(d) *There are 30,000 (Galicians) in Lisbon, by whom all the portorage and
 much of the domestic work is done,
 the Portuguese being for the most part, too proud or lazy to descend*
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 Thing pres.part.adverbial ph.1 adverb. ph.2 infinitive
 ↓ ↓ ↓ ↓
 ↓ ↓
 [Ranked finite clause...] *to this drudgery of toil.*
 ↓ ↓
 adverb ph3 adverb ph4

(e) *[I only pity the people:]
 an enlightened intelligent people like the Portuguese who will tamely submit
 to such gross inpositions.*
 ↓ ↓
 Adverb Thing
 ↓
 Qualifying phrase

(2) As a pre-modifier of the Thing (epithet, classifier) as a subject, as a complement and as an adverbial group, as well as in ranked and rank-shifted embedded and finite clauses

(a) *The Portuguese women wear the soberer colours of dark green*

↓ ↓
Classifier Thing

(b) *Our handkerchiefs were tortured by our Portuguese washerwomen*

↓ ↓
Classifier Thing
[Adverbial clause]

(c) *He was nevertheless most respectful in his manners, as the Portuguese servants universally are, however great the freedom used toward them by their mastes.*

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Conj Deitic Classifier Thing Adverbial Finite
[Embedded clause]

(d) *An Irish officer,*

in the Portuguese service, of the name of MacIlphan, on being appointed a command, waited upon the Portuguese paymaster

↓	↓	↓	↓
Classifier		Thing	
	↓		
	Prepositional phrase Embedded		
	[Mobile group]		

↓	↓
Classifier	Thing
	↓
	Prepositional phrase

with an order for subsistence for his detachment.

(e) *The Exaltados of Portugal* care not one straw for the means by which these ends are accomplished.

↓ ↓ ↓ ↓
Deitic Head Adv. Thing
[Rank-shifted]

(3) As a post-modifier of the Thing

(3.1) In «normal» cases where the functional unit follows the Thing – usually in an adverbial:

(a) The materials of which the author has availed himself for the purpose, are chiefly gleaned from the *History of Portugal* by Emanuel de Faria y Sousa

↓ ↓ ↓
Head Adv. Thing
[adverbial phrase]

(b) He had the honour of entertaining *the royal family of Portugal* on board the *Revenge*.

↓ ↓ ↓ ↓ ↓
deitic classif. Head Adv Thing
[Prepositional phrase]
[Rank-shifted]

(3.2) Rank-shifted phrases and clauses in post-modification in relative clauses, adverbial phrases, etc.:

Among the evils

which pressed hard upon the lower classes of the Portuguese, was the power
possessed and
tyrannically
exercised by the
nobility.

↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Relative Finite Adverb Prep. Ph.1 Prep. Ph. 2

↓
Thing

↓

[in a relative group – rank shifted]

The frequency in which the three terms appeared in different locations in the nominal groups described above were found is indicated in Table 2.

Table 2: – Frequency of entries analysed in particular functions in the nominal group

Function of the unit	Portuguese	Portugal	They
1. As a Thing	84	46	128
2. As a pre-modifier of the Thing	58	Not applicable here	Not applicable here
3. As a post-modifier of the Thing	54	172	Not applicable here
3.1 «Normal»	18	131	
3.2 Rank-shifted groups	36	41	
Total	196	218	128

Portuguese

The term *Portuguese* appears most frequently as a *Thing* in the nominal group, very often with a deictic – almost always preceded by a definite article (e.g. “The Portuguese fought bravely on the occasion”; “The Portuguese give largely in alms”, both from *Sketches*). Very occasionally the *Thing* is preceded by an indefinite article (e.g. “A Portuguese has a real repugnance to wound the feelings of the humblest individuals” (*Tourist*)) or an indefinite pronoun (e.g. “All the Portuguese of their class appeared to regard these objects of our aversion with the utmost indifference” (*Tourist*)) or a quantifier (e.g. “Most of the Portuguese were but raw recruits” (*Sketches*)). The above examples show *Portuguese* as a *Thing* occurring as a subject. It also occurs in the object, although in relatively few cases, e.g. “I wish the Portuguese would learn speedily the injuries these monopolies do their country” (*Sketches*) and, “These hasty citizen levies by law include every Portuguese between 18 and 45 years of age” (*Overland*).

What happens in 99% of the cases, is that *Portuguese* makes part of a prepositional phrase whether in the straightforward clause or in a ranked or rank-shifted clause. Different kinds of prepositions are used as may be seen in examples such as:

- There is a prevalence of avarice *amongst* the Portuguese;
- Spanish visitors are forever indulging their sarcasm *against* the Portuguese;
- I do not hold a farthing *in* Portuguese funds

(All examples from *Overland*);

The second most numerous group is the word as a pre-modifier of the *Thing*. It usually acts as a classifier such as: Portuguese justice, Portuguese gentlemen, the Portuguese aristocracy, the Portuguese peasantry, the Portuguese children, Portuguese politeness, the Portuguese government, Portuguese priests, or the Portuguese character and Portuguese pride, where the adjective would appear to emphasise nationality or national phenomena, categories and traits. It would, therefore, act as a classifier. It seems to act as an epithet in describing the quality or attributes of something in the following cases: Portuguese vessels, young Portuguese officers, Portuguese cooks, Portuguese medical men.

There are also 54 instances where the word appears as a post-modifier. Out of these cases, 18 are situated in the main clause and appear to be "normal" (e.g. "It is much the custom *of* the Portuguese to keep together" (*Sketches*) and "We suppose the hides *of* the Portuguese are tanned by the sun (*Tourist*)". Where the preposition "of" is used, it has a possessive ring to it. In modern-day English, if the nominal group were small enough, it would involve transforming the noun into an adjective or a genitive case in many instances: *the Portuguese custom* or *the Portugueses' hides*. However, we need to bear in mind that in formal mid-19th century writing, the possessive case was not regarded with the same leniency as it is today, where speed of delivery counts for a lot. Therefore, it is natural that the prepositional phrase incorporated into a nominal group follows this order: (i) [Thing [of the + Thing]] or (ii) [Thing [of the + Classifier/Epithet + Thing]] as appears in some of the examples below:

- (i) "the religious and steadfast bigotry of the Portuguese have their origin in the national pride" (*Overland*).
- (ii) "the properties of the Portuguese nobility are most wretchedly administered" (*Overland*)
- (iii) "Were I asked for a description *of* the Portuguese character, I would say it was one partaking of every bad quality belonging to a native of the Peninsula" (*Narrative*).

The rank-shifted group involving relative, embedded and finite clauses and showing post-modification of the Thing is more numerous: 36 cases in the examples studied. As is to be expected, in the usually long Victorian sentences, qualification resorting to relatives is a common stylistic device. The interrogative pronouns, *who* and *which*, take on the role of “possessor” triggering off a process which, according to Halliday (1994:187), is generally range specific. The phrases involved are mostly qualifiers generally based on adverbials, or to be more precise, prepositional phrases which include the key word *Portuguese*. The following quotes indicate this quite well: “Indeed, with characters of his description among the Portuguese, I have always been able to obtain obedience with firmness” (*Narrative*) and, “There are few nations that can pretend to vie with the Portuguese and Spaniards in the fabrication of plausible reports” (*Overland*) – also see the example in (3.2 a).

Halliday (1994:189) states that the rank-shifted clauses do not hold as much significance or importance to meaning as the main sentence, although without them, descriptions and socio-cultural insights would be considerably impoverished, as these two examples of embedded clauses show: “I only pity the people – an enlightened intelligent people like the Portuguese – who will tamely submit to such gross impositions” (*Sketches*) and, “Chatelet, speaking of the Portuguese soldiers, says they are patient under difficulties and hardships” (*Tourist*). Furthermore, apart from acting as qualifiers and in many cases, embellishing the already elaborate style of the Victorian writers, they also act as a source of the authors’ more circumspect comments about the Portuguese.

Portugal

The largest group (131) containing the word *Portugal* in a nominal group is found in “normal” post-modification of the *Thing* and is almost always in a prepositional phrase. It therefore acts as a qualifier referring, for example, to locality: “Murphy gives a more amiable, and we will believe, a truer picture of the female character in Portugal” (*Tourist*); “A few short years ago, nay, almost months ago, this figure [the crucifix] was held to be the most sacred in Portugal” (*Narrative*); “To be sure, there is

scarcely an honest [news]paper in Portugal.” (*Overland*); “A new era has certainly commenced in Portugal” (*Sketches*) – although this last example would appear to be more circumstantial and not post-modifying. Now and then, the possessive “of” is used: “At the commencement of the revolution, he had seriously proposed the excommunication of the French nation *en masse* by the dignified clergy of Portugal” (*Overland*). What seems to be the case here, is that while locality is affirmed, it is merely as a qualification of the more important act, object or phenomenon. Further, more often than not, the qualification does not serve to elevate or commend what is being qualified, except perhaps in the case of the quote above from *Sketches*.

Most of the 36 rank-shifted examples of Portugal occurring in post-modification involved relative clauses which are often found to be embedded. They are largely placed after the verb, but sometimes in the subject, as in this statement from *Tourist*: “Some idea of the gross ignorance and superstition which disgraced Portugal at the period of Carvalho’s administration, may be gathered from this statement of an English officer who then held a commission in the Portuguese army”. Most of the relative clauses containing *Portugal* are located in *Sketches* and *Overland*, and in the case of the former text, the relative is usually made to explain some of the intricacies of Portuguese politics, habits or history that the reader may be unfamiliar with or is included so as to back up the argument he is putting forward: “How grievous it is that, by the arrogant behaviour of our government towards them, and the scurrilous abuse of Portugal indulged in by the English press, we should forfeit those feelings of affection which were once general among the whole (Portuguese) people”; “I endeavoured to impress on him my opinion, based on broad principle, that no manufacture ought to be attempted in Portugal which England can supply at a cheaper rate than the former country can produce”. Here, there may be more than one relative clause and they may share their space with an embedded phrase, as happens in the preceding two examples. The same need for clarification or supporting arguments is shown by the author of *Overland*, despite the much more categorical note of his statements: “I am very far indeed from recommending this mode of investing capital, which the Revolutionary aspect of Spain and Portugal and the state of Portugal would render, in

my mind, to the last degree precarious"; "Let those who imagine that popular uprisings in Portugal are fine things, and confound these frantic convulsions with movements of rational liberty, have their illusion".

Embedded phrases disconnected from the relative clause and containing the word *Portugal* are not at all numerous (6) and, if most of them are uncomplimentary in attitude, in structure they act as a means of interjecting personal views and comments as the following examples show: "Intimately connected as was the Marquis of Pombal with the history, and, we may add, the destiny of Portugal, both for evil and for good, we need make no apology for here introducing a brief sketch of his Life and Times..." (*Tourist*), and "You, more than the inhabitants of any other province of Portugal, are interested in entering into commercial arrangements on the most liberal principles with England" (*Sketches*).

Finally, in this section on post-modification, there are several if-clauses included which seem to weigh up two sides to an argument, although as we see in this example from *Tourist*, it ironically ends up by endorsing only one: "Indeed with regard to the derivation of the names of places, if the historians of Portugal have not truth on their side, they certainly have the credit of no ordinary ingenuity".

Portugal as the *Thing* occurs rather sparsely in the nominal group. In 13 cases it occurs in a prepositional phrase where it is possible to see that locality is the over-riding meaning. For example, the preposition "in" is found more often than other kinds of prepositions: "In Spain and Portugal, resident Ministers are not only unnecessary but an incumbrance" (*Overland*); "In Portugal the most approved means of redress is the dagger" (*Tourist*); "In Portugal the aristocratical privileges (...) have been completely overthrown" (*Sketches*). Although the country is given first mention, again, it is the phenomenon – the *Thing* – that robs it of importance. The same might be said of post-modification in a prepositional phrase, as we have already had the opportunity of seeing.

As a *Thing* standing alone in the nominal group, *Portugal* fairs rather poorly (33 cases), half of them occurring in *Overland*. What emerges in 12 of these examples is a largely negative attitude about the country saved only by one or two factual statements: e.g. "Portugal, at the downfall of the Cabral administration, was undergoing an interesting fiscal experiment". But the country is condemned in statements like:

"Portugal, on the other hand, has had all her irregularities endorsed"; "Portugal is the country of ignorant and groundless revolutions"; "Portugal has had no poet but him [Camões]"; "Portugal has never had a painter of eminence", etc. On the other hand *Sketches* often gives Portugal the benefit of the doubt although in conditional terms: "Portugal would soon assume a very different aspect from what she does at present"; "Portugal will become, or attempt to become, a republic before many years"; "Portugal would decidedly gain, for they would not only produce food for themselves, but for many times their own number".

As a final comment on *Portugal* as a Thing in the nominal group that is pre-modified by an epithet, I only found two mentions. One occurs in *Sketches*: "Poor Portugal ! She has been from time immemorial in hot water with the Popes". The idea obtained by "Poor Portugal!" is one of humorous tolerance mixed with slight disparagement for the otherwise incomprehensible situation of Portugal being a Catholic country. The second example comes from *Overland* and is considerably more ironical if not demeaning: The pre-modifier is expressed in the residue where *Portugal* is in an adverbial phrase: "What was contemptible in England in the despotism of the Stuarts, 170 years back, is good enough for the "Constitutional" Portugal".

They

It is to be expected that *they* in the nominal group occurs almost exclusively as a *Thing* (109 out of the relevant 128 cases). Again, it is to be expected that because it is elliptical, referring to a subject or thing mentioned in a previous sentence, the pronoun stands alone and does not take on pre modification. It only appears as a post-modifier to the subject in rank-shifted clauses involving adverbials, relatives or embedded phrases. In most cases in its role as a *Thing*, it is followed immediately by the verb: e.g. "They (the peasantry) lived hardly while meat was a luxury" (*Tourist*). Occasionally, the verb is inverted to gain emphasis: "Rarely did they indulge in the luxury of animal food" (*Tourist*). And now and again, a rhetorical question is asked, inverting the order: "Do they affirm that justice, honour, humanity exists not in the world? Do they suppose that philanthropy is a mere chimera?" (*Sketches*). The *Head* or *Thing* may sometimes be preceded by an

adverbial phrase expressing time, manner or mode, marked off by commas, e.g. "To a stranger, they (Portuguese women) are as reserved as Englishwomen are" (*Sketches*). Likewise it may be preceded by a short nominal group as in: "In the Southern districts, they are more treacherous and revengeful" (*Overland*). Here the intent would appear to limit a more general interpretation and application of what follows, but in theory the adverbial phrase as well as the example above may be situated just as well in the Residue. Very occasionally, the syntactic ordering of a Victorian sentence is evident, where today, the arrangement would be different in a factual account: e.g. "On this, they (the tenant farmers) would live, seemingly both contented and happy" (*Narrative*)

In the relative clauses, *they* is located after the main verb but the relative pronoun is missing in an elliptical arrangement: e.g. "I fear they run much risk of falling into the opposite extreme" and "Many of these misguided men doubtless thought they were performing their duty in fighting for a prince who professed to defend the cause of religion" (both examples from *Sketches*). In the relative clauses, the personal pronoun is unaccompanied by qualifiers of any sort, unless by the relative pronoun and is followed by a verb. In Example (1a) mentioned earlier on, the time interrogative pronoun *when* is used to link *they*, *young children* and *death* in a cohesive statement. The example that follows is interesting in its double use of relative clauses because the first would appear to be rank-shifted in relation to the main sentence, but the second seems to be ranked with the first relative clause: "The ruinous examples of revolutionary movements *which* thrust men into places *for which* they are unfit, unhinge every mind, unsettle every thing, prevent mental cultivation and national improvement" (*Overland*). It is to be noted that the same observation made about *they* as the *Thing* is pertinent in the relative clauses: *they* also hinges upon reference to the previous sentence as this instance shows: "Many have long since sunk under the hardships that they [the monks] were driven to endure" (*Sketches*).

As with the terms, *Portuguese* and *Portugal*, in rank-shifted phrases involving embedded phrases, relatives, infinite verbs and adverbials, the pronoun *they* appears in constructions that are elaborate forms of argumentation and clarification, as seen in this example from *Tourist*: "As for the Archbishop of Braga and the Bishops of Martiria and Malacca,

and fryer Emanuel de Macedo, though they were the persons that had the greatest hand in the conspiracy, yet in regard they were ecclesiastical persons, they suffered not death". As a final comment, the pronoun *they*, either as the *Thing* in the head group or elsewhere in the sentence as rank-shifted entities, is a rich source of information so long as it is known who is being referred to from the previous sentence.

Discussion

Upon reading these four travelogues, the idea that first struck me was that they were not really about the Portuguese, although throughout endless pages, the authors offer numerous descriptions, anecdotes and opinions about their journeys in Portugal. The impression I received was that they revealed more an affirmation of the Englishness of their authors as Englishmen and their condition of being British (one was of English extraction in Northern Ireland) during the first third of the 19th century. Their assessment of the Portuguese in Portugal seemed to be a confirmation of their own Englishness¹⁴, mainly because they were unable to come to terms with other kinds of existences and judge them from a non-British scale of values.

Furthermore, each of the author's stock-taking and assessment of his journeyings in mainland Portugal and around the islands of Madeira – because an almost balance-like statement is what transpires – seems to plunge Portugal in the red. It was therefore of interest to see whether the impressions gained in a first reading could be upheld by systematic linguistic analysis.

By looking at the different functions in the nominal groups certain characteristics that emerged in a non-linguistic reading of the texts have been confirmed, thus lending a sharper focus on context and meaning. It is telling that the nominal groups containing *Portuguese*, *Portugal* and *they* seem to be concentrated into six major topics, sometimes occurring more according to the author's broad interests and sometimes less. Whatever the case, the frequency of their occurrence demonstrates the

¹⁴ The term *British* is sparingly used throughout the 4 texts, despite the growing notion of the dominions within the Empire.

perhaps the unconscious, as well as the conscious, intent of the authors. From their functions as *Things*, post-modifiers and in ranked or rank-shifted relative clauses, for example, it is possible to see what contextual relevance is accorded the three terms and how attitude is expressed through the syntactical positioning of the words. The topics that seem to be common to all three terms in varying degrees of frequency, are about: (1) The people and society in general, classes, family groupings, social customs and habits, professions, etc.); (2) The political situation (politics, the government and the monarchy from the Liberal Revolution of 1820 to the *Maria da Fonte* uprising in 1846); (3) The Military (mainly the army's role under the British command during the Napoleonic wars); (4) Trade (commerce and industry, particularly the port-wine industry based in Oporto in largely British hands); (5) Culture (education, literature art, architecture, music, etc.), and (6) Religion (a Roman Catholic country after the religious orders had been disbanded and the monasteries dismantled). A seventh group could be added – the *Portuguese*, *Portugal* and *they* measured against the English and English accomplishments – but such comparisons permeate unevenly although consistently throughout the broad topics listed above. Dealing with them as a separate group would mean repeating examples.

Furthermore, the six groups seem to express two broad opinions, one giving approval and the other disapproval about what the travellers had come across on their sojourns through Portugal. A third less numerous group has also emerged where the criticism is either veiled or is made into a barbed compliment. It is not by chance that the four authors favoured certain functions in the nominal groups when giving their ideas about the topics mentioned above.

The most frequent position occupied by the term, *Portuguese*, is, as we have seen in Table 2, as a *Thing* (84) or as a pre-modifier (58), both of which account for about 72% of the total references analysed. The remaining 28% is occupied by *Portuguese* as a postmodifier.

Where praise or condemnation are concerned, the balance swings heavily in favour of the latter in all cases except when speaking about the military. Although still critical, the authors of *Tourist* and *Overland* in particular, are relatively generous with their praise of the common Portuguese foot-soldier although not for the higher-ranking

officer class or the Ministry of War. It should not be forgotten that the Napoleonic wars were still a very vivid occurrence in the minds of all four authors and the memory of Beresford's powerful presence in Portugal and Wellington's victories were still to be reckoned with. The landscape in Portugal still bore evidence of wartime fortifications and both the people and the places in which they lived still carried the scars of hard-won battles. Thus, the military comes in for praise for the power it once used to have at sea and as allies of England during the Napoleonic wars, where the common soldiers' valour in particular was noted:

- The Portuguese so well supported their allies (*Tourist*)
- The Portuguese navy was the terror of the world (*Narrative*)
- Most of the Portuguese, indeed were but raw recruits, yet they behaved nobly (*Sketches*)
- The Portuguese generally performed their part well in the field (*Overland*)

Table 3: Distribution of types of nominal groups with *Portuguese* according to the main topics

Broad Topic	Total number of analysed occurrences	Head/Thing in Mood	Premodification of the Thing	Postmodification of the Thing
1 People / Society	99	45	22	32
2 Political situation	32	8	15	9
3 The Military	25	11	9	6
4 Trade	21	14	2	5
5 Culture	14	5	8	1
6 Religion	5	1	2	1
	196	84	58	54

The author of *Sketches* is the most approving where People and Society are concerned, although all the authors have one or two good things to say about the general kindness of the Portuguese people no matter what their class. However, the authors of *Overland* and *Narrative* are most scathing about the current political scene with what seemed to

be its incessant revolutions, uprisings and revolts. Again, it should not be forgotten that in almost every country in Europe – including England, where the Owenites were fighting for democratic values, and Ireland, where the struggle for Catholic emancipation was being waged – civil wars and rebellions were a constant between 1820 and 1848¹⁵.

While remarking several times on the uneasy political situation, the author of *Sketches* seems more concerned about Portugal's trade in the port-wine industry on the one hand, and on the other, the state of the clergy, the monasteries and the convents at a time when deep-reaching changes were being made to control the economic, political and cultural power of the religious orders. The following table shows the degree of praise or criticism expressed according to the six topics.

Table 4: Topics earning praise or criticism when using the word, *Portuguese*

Topic	Functions in the unit	Cases	Praise	Criticism
1 People & Society	Mostly as the Thing	99	41 cases–41%	58 cases–59%
2 Political situation	Mostly in premodification	32	5 cases–16%	27 cases–84%
3 The Military	The Thing/premodification	25	14 cases–56%	11 cases–44%
4 Trade	Mostly in the Thing	21	2 cases–10%	19 cases–90%
5 Culture	Mostly in premodification	14	1 case–7%	13 cases–93%
6 Religion	Mostly in premodification	5	1 case–20%	4 cases–80%

Looking at some of the nominal groups containing *Portuguese* as the *Thing*, we see that remarks about the people and their society (the most widely mentioned topic) tend to be unequally divided between a

¹⁵ According to E. Hobsbawm (1961, 1982): *A Era das Revoluções 1789-1848*, Lisbon, Editorial Presença (translation by António Cartaxo), there were three currents of political revolution in Europe: the Mediterranean liberal wars around 1820-4; the bitter struggle that spread all over Western Europe including Russia and was waged by the powerful new bourgeois orders to topple the great aristocracy (1829-34); the unification wars (Italy and Germany) and the civil strife and labour unrest around 1848 that affected practically every country from Scandinavia – Denmark – all the way down to Greece and Romania.

less than flattering view and grudging concession about or even praise for some of the pleasing aspects the travellers found.

- The Portuguese, having been for so many centuries taught to consider themselves superior to all other nations of the world, naturally form the opinion that what they possess is the best and in addition to this, they are not fond of innovation. (*Sketches*)
- The Portuguese are improving but they have not yet got into good order. (*Sketches*)
- The Portuguese are idle, unenterprising, procrastinating; (*Overland*)
- The Portuguese do not comprehend and scarcely deserve liberty (*Overland*)

Compare the above statements based on the function in this nominal group with the examples below where the Portuguese at least come out ahead of the Spanish!

- A Portuguese possessed of strong sarcastic talent will seldom direct it, however veiled, against any individual present. (*Sketches*)
- The Portuguese are swayed by a better taste and a more credible morality [than the Spanish] (*Overland*)
- The Portuguese are more polite [than the Spanish] but they are also, I think, less to be depended upon (*Overland*)

The same tendency to see the negative rather than the contrary emerges when *Portuguese* occurs in the pre-modification of the *Thing*:

- Portuguese writers on the subject, either from ignorance or some other cause, have omitted to mention the name of the architect. (*Tourist*)
- Were all Portuguese priests as enlightened, liberal and desirous of promoting religion as he is, the country would be in a far happier state than it is. (*Sketches*)
- Portuguese pride is well illustrated in the following anecdote. (*Overland*)
- The properties of the Portuguese nobility are most wretchedly administered, being entirely left in the hands of Feitores or factors, who contrive to enrich themselves (*Overland*)

However, in his pre-nominal modification of the *Thing*, the author of *Sketches*, gives more warmhearted praise of Portuguese people and things than any of the other authors:

- Portuguese ladies have universally a talent for music.
- The Portuguese language is admirably adapted, as well for tender and pathetic as

for comic and satirical poetry in which the people certainly excel.

- Portuguese politeness is delightful, because it is by no means purely artificial.
- The Portuguese peasantry are a most kind-hearted people whatever may be their other faults.

(All quotes from *Sketches*)

But with the other three authors, there is no abating of the critical attitude towards the Portuguese specially when we come to analyse the Residue:

- The contrast between the English and the Portuguese, particularly those of the provinces, is in no instant so apparent as in the matter of cleanliness (*Tourist*)
- The ignorance of the Portuguese is so unparalleled, by the side of great assumption, that it is not to be glossed over. (*Overland*)
- There is a prevalence of avarice amongst the Portuguese. (*Overland*)

Also in the Residue, we find the introduction to a complex series of elliptical references, adverbial phrases and relative clauses leading to the most damning of verdicts:

- Were I asked for a description of the Portuguese character, I would say it was one partaking of every bad quality belonging to a native of the Peninsula, without one of those redeeming virtues.. (*Narrative*)
- We have yet to see what is in the Portuguese, whether they still retain their ancient noble character, or whether it has been totally obliterated (*Sketches*)
- It is this miserable delusiveness of this so-called representation which proves the Portuguese unfitted for freedom (*Overland*)
- There was no effect on the minds of the Portuguese from that which it produces on the Irish (*Overland*)

Talking of the Irish, the author of *Sketches* – no doubt in good faith – suggests that:

- To supply the want of population on the frontier, I proposed that the Portuguese Government should make an application to England for a few thousands of Irish Catholics, giving to each man a certain portion of ground, and I doubt not, numbers would be glad to accept the offer (*Sketches*)

Were this suggestion taken up, one wonders if the English would have solved their so-called “Irish problem”. Apart from equating the Portuguese with the Irish, the author of *Sketches*, further registers his

puzzlement over the affinity the Portuguese have for the French rather than for the English. A certain note of annoyance creeps in when the author believes that in being offered a sensible alternative, the Portuguese frivolously turn their backs on it:

- I was speaking to a Spaniard (...) respecting the feelings entertained by the Portuguese toward the French whose manners and ideas they love to adopt, and whom they regard with friendship, though they have been their bitterest enemies, while the English, from their retiring and reserved behaviour, and the difference of their customs are looked upon by the greater number of [Portuguese] people, if not with dislike, at least with indifference, yet they have been their firmest allies (*Sketches*).

However, what is remarkable in all this criticism is that some authors confess that contact between the Portuguese and the English is limited to say the least, as this ranked phrase opened by a relative pronoun reveals:

- What they (strangers) do see of Portuguese manners or society is generally at the houses of the English residents. (*Narrative*)

If contact was so sporadic and hand-picked, how do the authors arrive at the conclusions they have? I have gone to considerable length to demonstrate the attitudes of the four travellers about their Portuguese hosts because, despite the authors' intentions to appear objective when writing about the country they are visiting, despite their numerous references to previous (English) travellers' accounts and snippets of information they glean along the way, despite the fact that three of them have lived in Portugal for a number of years, the linguistic choices they make in constructing their sentences cement the uncomfortable feeling we readers have upon a first reading: that sometimes the veracity of their information is questionable, but mostly they are culturally biased and largely intolerant of other realities that fail to conform to their own. They judge Portugal from a middle-class, mid-Victorian English perspective and in spite of 41% conciliatory or benevolent comments in this section on People and Society, such views are out-weighted by their disapproval (58%). We learn a lot about the men expressing such opinions, particularly if we remember who these travellers were, what professions they exercised and what interested them.

We have already seen that attitudes about the common soldier during the Napoleonic wars usually expressed approval. With regard to

the other sections, particularly the political and commercial situation in Portugal, apart from a few favourable remarks in *Sketches* about some of measures the government was taking to improve the roadways ("The Portuguese Government have already commenced forming several excellent roads in the north of Portugal"), views are not at all positive and the political situation is described thus:

- The Portuguese are improving but they have not yet got into good order, and they have yet many wants – among the most urgent is a great man (*Sketches*).
- While tithes subsisted up to their abolition 12 years ago, the Portuguese paid twice the revenue that they do now and owing to the supineness of her rulers, and a corrupt administration of her army, the despicably unfounded outcry against the health-fee, one of the most justifiable and least onerous of taxes (...) led to a rebellion and precipitated the country headlong into an abyss of destruction (*Overland*)
- The unfortunate revolutionary habit of the Portuguese is to be referred to self-conceit and prejudices ignorance (*Overland*)

Trade in the hands of the Portuguese is regarded suspiciously as being ineffectual as these nominal heads show:

- The Portuguese, as I have said, do not or will not understand our feelings, declaring that we are anxious to put down the salve trade (*Sketches*)
- The Portuguese are satisfied with those business enterprises of a more sedate description (*Sketches*)
- A Portuguese parts with his money as with his heart's blood and will rather perish than pay a new tax. (*Overland*)
- If however, my countrymen choose to hazard their money in the undertaking, of course the Portuguese will be much indebted to them, but they must not be surprised at its failure (*Sketches*)

When considering the term *Portugal*, and the positions it appears in, in the nominal group, it will be remembered that the word was most often found in the Residue (36%); in the Mood as a post-modifier (28%) and in the rank-shifted relative clauses (14%). As a Head in the Mood, *Portugal* occurred 24 times (11%). Again a clear pattern of topic choice occurs; however, contrary to what happened with *Portuguese*, the topic area here seems to be decided upon by *Portugal* in an adverbial form (a prepositional phrase) in the Residue and as a postmodifier in the Mood.

Table 5: Distribution of types of nominal groups with *Portugal* according to the main topics

Broad Topic	Total number of analysed occurrences	Residue	Post-nominal modification in the Mood	Relative clauses	Head or Thing in Mood	Others
1 People / Society	82	42	22	8	4	6
2 Political situation	57	13	14	9	13	8
3 The Military	12	1	7	1	2	1
4 Trade	21	5	6	5	1	4
5 Culture	21	10	7	1	1	2
6 Religion	22	6	5	6	3	2
	215	77	61	30	24	23

The question is whether the most frequent nominal groups in which *Portugal* occurs reveal any trend in attitude on the part of the authors as they relate their journeys. Looking at only a few examples which speak about people and their habits, the answer would appear to follow in the same negative vein as that for *Portuguese*.

- Courtship in Portugal is characterized by the barbarism which is exhibited in this particular in some of the most uncivilized countries at the present day (*Tourist*)
- The most unenlightened set of people in Portugal are the small farmers who seldom move from home (*Sketches*)
- The restless feeling so often perceptible in English society hardly exists in Portugal (*Sketches*)
- Your servant in Portugal never thinks of himself one whit your inferior (*Overland*)

The subject matter that attracts much attention on the part of the travellers again has to do with the political situation in Portugal at the time of their stays. Here, *Portugal* as a Head, or in the post-modification of the Head/Thing and in the Residue as a prepositional phrase, heavily endorses criticism found elsewhere. Most of the scathing remarks about the political situation, however, are to be found in *Overland*, of which only a few of the numerous examples are given below:

- Portugal is pre-eminent for the atrocities perpetrated by its rulers (*Tourist*)
- From the history of Portugal might be gathered a nosegay of horrors (*Tourist*)

- Notwithstanding all this canine discord, the dogs appear at present the most stable part of the Constitution of Portugal. (*Narrative*)
- The year which gave liberty to Portugal brought destruction to these honest gentlemen (*Sketches*)
- No one in Portugal knows or cares anything for politics (*Overland*)
- During the last ten years there have been no fewer than nine Revolutions, or considerable Insurrections in Portugal (*Overland*)

Notwithstanding his journey through Spain where there was also religious and political unrest during the Absolutist era of the 1830s and 40s, the Irish author of *Overland* seems to be more distressed at the lack of political and social stability in Portugal. The fact that Portugal spent so much of its time and energy in dealing with strife of one kind or another obviously had repercussions on its development and modernisation. The Industrial Revolution was yet to make itself felt and one may speculate whether the author of *Overland* felt that, perhaps like Ireland, instability was a direct cause leading to stunted social progress and retarded economic growth. Among the other authors, the attitudes about Portugal's contemporary trade and commerce vary between bemusement, ("The principal manufactures of Portugal sold here are gold necklaces, crosses and ear-pendants, which even the poorest females wear, though very often accompanied with bare feet and tattered clothes" (*Tourist*)); the professorial ("This is one of the many productions which Portugal can exchange advantageously for the manufactures of England" (*Sketches*)); and scorn ("Spain is likewise superior to Portugal in the spirit of speculative enterprise." (*Overland*)). Nevertheless, Oporto comes in for praise as its business is organized along English lines ("There is that in Oporto which will not be found in any other part of Portugal, at least as far as our researches have extended, namely an appearance of business and activity, attributable as we have reason to believe, to the example of the English" (*Tourist*)). Furthermore, the author of *Overland* offers a cautionary remark about the failure of English goods to create any significant demand in the Portuguese market ("We have not been so successful that we can afford to make fools of ourselves in Portugal" (*Overland*)), a view soundly – if not cynically-supported by the author of *Sketches*, as we see below in this example:

- I endeavoured to impress on him my opinion based on broad principles that no manufactures ought to be attempted in Portugal, which England can supply at a cheaper rate than the former country can produce them (*Sketches*)

Religion is also discussed and what emerges indicates the authors' idea of Portugal as a backward, superstitious but somehow godless country because it has turned its back on the religious orders it had once cherished:

- It is one of the most popular devotional prints which represents a miracle (*Tourist*)
- A few short years ago, nay, almost months ago, this figure [the crucifix] was held to be the most sacred in Portugal (*Narrative*)
- Infidelity now stalks throughout the length and breadth of the Peninsula but more particularly in Portugal (*Narrative*)
- The only church-going ceremony which is in Portugal performed in an imposing manner is the burial of the dead (*Sketches*)
- The most terrific of all the supernatural beings in Portugal is the Bruxa (pronounced Broocha) (*Sketches*)
- The financial departments of almost all the nunneries throughout Portugal are in a deplorable condition (*Sketches*)
- They get their religion cheap in Portugal (*Overland*)

Finally, the travellers' comments regarding Culture are revealing in their linguistic choices. While making concessions for work of value among some writers in the past, the travelers – either due to ignorance or hearsay – are of one accord when speculating on the cultural wealth of contemporary Portugal. Again, it is in *Overland*, that we find the most vociferous and damning comments:

- This is enough to show that the literature of Portugal is at a low ebb;
- There is no art in Portugal and very little Literature;
- There is no hope for Portugal until she has an enlightened and virtuous press;
- The position of the newspaper press in Portugal is truly that of a "chartered libertine";
- The only living writers of Portugal that can pretend to any literary distinction are Alexandre Herculano.

(All examples from *Overland*)

With the pronoun *they* in the nominal group, the pattern follows the word *Portuguese* at least as far as the Head/Thing in the Mood goes. In fact, this is where we would expect to find the personal pronoun in the

nominal group and it represents over 82% of all the total number of cases analysed (108 out of 132). The 21 relative clauses containing *they* are the only other significant group here (16%).

Table 6: Distribution of types of nominal groups with *they* according to the main topics

Broad Topic	Total number of analysed occurrences	Head/Thing in Mood	Relative clauses	Others
1 People / Society	58	51	6	1
2 Political situation	34	24	10	0
3 The Military	6	3	3	0
4 Trade	8	7	0	1
5 Culture	6	5	1	0
6 Religion	16	14	1	1
	128	104	21	3

With reference to *they* as the Head or Thing in the nominal group, there is a lot of information to be had about the people, politics and religion of Portugal. Yet again, the attitudes revealed are less than flattering and it is not surprising that the author of *Overland* is the most insistent in his disapproval of the Portuguese and the things they do and say:

- They will give the most lying answers with the most imperturbable faces.
 - They are likewise supine and brutally servile;
 - They act like children and like children should be treated;
 - If they (the people on the outskirts of Lisbon) are fierce and sometimes brutal, it is because civilization as yet has scarcely reached them
 - Another weakness is that they never will admit they cannot read or write.
 - They will not part with a penny to subscribe to a newspaper;
- (all quotes from *Overland*)

But the other authors are just as harsh when sitting in judgment over the people in their different classes and walks of life. The author of *Tourist* gives us a surprising number of negative opinions in so short a text:

- They (the Portuguese) however, serve to teach the wholesome though melancholy lesson that there is no depth of moral degradation to which the human heart, abandoned to its own evil impulses, will not descend
- They (the impoverished provincial nobility) protected themselves from the disgrace of an unworthy alliance by shutting up their children in this convent
- They (the innkeepers) were however, so unaccustomed to the work that they gave it up when it was but partially done

(All quotes from *Tourist*)

Not all the comments about the people referred to as *they* in the Head/Thing of the Mood are so pejorative – many good characteristics and habits are noted by the author of *Sketches*, although he is practically the only one to do so and he refers mainly to the educated, polite strata of Portuguese society:

- They are one and all endued with a liberal spirit, a respect for intellectual superiority;
- They were very good people and great fidalgos;
- They are well read on many subjects and speak both French and English with facility, some also Italian;
- The truth is, they are not much more idle than English women;
- They shed their blood freely, nobly for the purpose.

(All quotes from *Sketches*)

The political scene earns just as much attention as in the case of the terms *Portuguese* and *Portugal*. Most of the comments display little sympathy for the powers that be and what seems to be an unstable political situation. In fact, it is precisely with the use of *they* as the subject or *Thing* which brings home the great distance these travelers place themselves from their hosts. The gulf between “us” and “them” seems uncrossable and it is as if the authors are held spellbound in horrid fascination at the thought and sight of the belligerent antics and frenetic scurryings of the inhabitants of *Lilliput*:

- I feel they run much risk of falling into the opposite extreme and that shunning the galling goad of a despotic sovereign, they may bring upon themselves a heavier curse – the anarchy of a republic (*Sketches*)
- They follow the system of doing as little good as possible to each other in time of peace, and as much harm in time of war, instead of benefitting each other as much as they are able in time of peace (*Sketches*)

- They begin and procrastinate everything here and the result is that nothing is concluded except Revolutions (*Overland*)
- They are surrounded by a factitious atmosphere of *preconceived views and prejudices* (*Overland*)
- They confound, in short, liberty with licence (*Overland*).

The common people are also criticised for their opportunism and their role in the civil unrest in what seems like gratuitous violence, a sure sign of uncivilized and uncouth behaviour:

- All men here are ready for a political movement by which they presume that their position will not be made worse and may be bettered (*Overland*)
- The populace of Operto plundered the houses of those whom they suspected of favouring its establishment [i.e. a new religious company] (*Tourist*).

Not even the tradesmen are deemed pacific or competent, although elsewhere, the author of *Sketches* has commended them on their hardworking profile:

- Unlike most other shopmen, they appear to be utterly careless of whether they sell or not, throwing about their goods without seeming to know even the prices (*Sketches*)

Finally, the authors all comment upon the recent religious upheavals in Portugal with the disbanding of the monasteries after the religious orders had been forbidden. The concern here is as much about the social aspects of this new state of affairs as the superstitious beliefs of the people:

- When driven from their homes, they (the people) refused them (the monks) the necessities of life, or the shelter of a cottage roof (*Narrative*)
- They (former monks) are generally a wretched set of beings (*Sketches*)
- They have faith in what we consider absurdities, and yet they laugh at them (*Sketches*)
- They are dominated by Feiticeiros but are unlike the females of that name (*Sketches*)

The condemnation carried through the power of the nominal groups, therefore, reinforces the initial impression the reader has of the authors' attitudes towards their subjects. In fact, the linguistic devices described here serve to give a sharper focus on their disapproval and highlight the kind of interpretation they have given about the life of the

Portuguese. In doing so, they have also shed light upon themselves and have opened themselves up to scrutiny. The Portuguese countryside, the glorious weather, a sense of the country's history, some of the pretty town girls and, of course, the opportunities awaiting an enterprising English businessman present no cause for criticism. The Portuguese as individuals are shown to possess some redeeming qualities. However, the Portuguese as "a class of one" – as a nation – are far more often criticized than praised. The tangible and intangible aspects of being Portuguese, of belonging to Portugal, whether concerned with people, deeds, states, qualities or values only give rise to skepticism and even hostility on the part of the travelers. What seems to be the matter in Portugal are precisely the Portuguese!¹⁶

Conclusion

The linguistic aims of this study – analysing the nominal groups containing the words, *Portuguese*, *Portugal* and *they* – showed that certain anaphoric relations within the group were favoured by the three terms. While the words *Portuguese* and *they* occurred most frequently as a Head or Thing, followed by pre-nominal modification in the case of *Portuguese*, the term *Portugal* was mainly found in the Residue in a prepositional phrase indicating locality. The role relative clauses had to play in all cases is worthy of mention and may be explained by the elaborate and lengthy sentences early Victorian writers were in the habit of making so as to provide a fuller backdrop to their arguments and points of view. The embedded phrases acted as spaces relegated to personal asides in many instances. Furthermore, in most of the post-modification of the Head by using *Portugal* in a prepositional phrase, it seemed that this was in conformity with the stylistic dictates of the day. The possessive case was not often used in formal writing.

¹⁶ This attitude, that the local inhabitants complicate or spoil what might be an idyllic country, may be found in other 19th and 20th century writings particularly about life in the British colonies.

The various components of the nominal groups wherein the three terms appeared, threw light on identity with relation to the order of both tangible and intangible things (as individuals or individual qualities in sets or classes) or identity based on a single or whole class (i.e. The Portuguese as a nation). The information obtained here was particularly important regarding the term *Portuguese* and the personal pronoun *they*. In the case of *Portugal*, the predominant use of the adverbial “of” or “in Portugal”, demonstrated that localizing the action was often the main concern rather than the importance the country had in its existential dimension. Emphasis was therefore placed on the deeds and phenomena of the inhabitants of Portugal and not so much on the country itself. In other words, what seemed to be important was what the *Portuguese* – *they* had made of their country, *Portugal*.

It was also revealing that there were only 2 cases of pre-specification (e.g. “Poor Portugal”), both ironical in varying degrees, denoting the authors’ lack of emotional involvement with the object of their writings.

Exophoric reference material emerged concerning the “you know which” frame of reference linked to the environment outside the text (to use Halliday’s words). In their relations with the rest of the elements in the nominal group as well with the rest of the sentence, the three terms demonstrated cohesive representations of reality expressed in the lexico-semantic relationships functioning within the text and linked to meaning contextualised outside the text.

The men writing the travel literature of this period reflected the successes and the prejudices of their own country’s achievement. Achievement (leading to other forms of economic, political, social, cultural and interpersonal organisation and life) acted as a yardstick by which to measure and compare the achievement of others – in this case: *Portugal*, *the Portuguese*, *they*. Moulded by their times, the four writers were (directly and indirectly) sitting in judgement over Portugal’s achievement and measuring it against England’s. For three authors, the balance was clearly negative on almost every count. For the fourth, the author of *Sketches*, the many favourable aspects witnessed in Portugal among individual Portuguese people were not enough to rescue them from the ultimate damning conclusions. Thus, on the scale between “barbarie” and the modern nation where achievement was paramount, Portugal still had a long way to go.

References

- Halliday, M.A.K. and Hasan, R. (1976): *Cohesion in English*, London, Longman.
- Halliday, M.A.K. (1994): *An Introduction to Functional Grammar*, London, Edward Arnold, 2nd Edition.
- Martin, J.R. (1992): *English Text – System and Structure*, Philadelphia/Amsterdam, John Benjamins Publishing Co.
- Thompson, Geof (1996): *Introduction to Functional Grammar*, London, Arnold.

